

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Aline Maria Anzolin

**A ORIGEM DO MUNDO, UMA HISTÓRIA CULTURAL DA
VAGINA OU A VULVA VS. O PATRIARCADO: a resignificação
do feminino por meio da ironia**

São Carlos - SP

2021

Aline Maria Anzolin

**A ORIGEM DO MUNDO, UMA HISTÓRIA CULTURAL DA
VAGINA OU A VULVA VS. O PATRIARCADO: a resignificação
do feminino por meio da ironia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras (Português - Inglês da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Camila da Silva Alavarce

São Carlos - SP

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALINE MARIA ANZOLIN

A ORIGEM DO MUNDO, UMA HISTÓRIA CULTURAL DA VAGINA OU A VULVA VS. O PATRIARCADO: A RESSIGNIFICAÇÃO DO FEMININO POR MEIO DA IRONIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras (Português - Inglês da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora

Dra. Camila da Silva Alvarce

Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

Dra. Karin Volobuef

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Examinadora

Dra. Gisele Pimentel Martins

FATRA Ensino Superior

Dedicatória

À Aparecida, mulher, analfabeta, minha avó e grande fomentadora da leitura e dos banhos de chuva em minha vida.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Camila, por me mostrar a possibilidade de acreditar em novas maneiras de enxergar o mundo à minha volta, mas também por ter visualizado em mim a competência para conseguir trabalhar como porta-voz dessa bela mensagem, que é apenas uma pequena parte de seu bonito trabalho na literatura.

Aos meus pais, Rosana e João Paulo, pela luta constante e por sempre me encorajarem na busca pelos meus sonhos.

Ao meu irmão, João Victor, por me ensinar a amar as diferenças e me impulsionar a ser um exemplo para seus caminhos que virão.

Ao meu companheiro, Bruno, por estar sempre aberto a novos significados ao meu lado, pelas longas noites de conversa e sorrisos e por ser a representação de uma vida de amor para mim.

Ao meu grande amigo, Raul, que foi um presente da graduação e, ao longo dela e também deste trabalho, um suporte essencial e alguém em quem me espelho para fazer das palavras um reflexo da alma.

À todas as mulheres ao meu redor que de alguma forma me inspiraram na busca por uma linguagem mais representativa do feminino e também de uma sociedade mais justa e segura para se ser mulher.

Epígrafe

Become. It was a verb that had always obsessed me...I wanted to become, even though I had never known what.

(Elena Ferrante)

Resumo

Este estudo visa reconhecer a importância da História em Quadrinho como gênero literário, e sua capacidade de fomentar discussões importantes para a sociedade. Partindo dessa visão, o trabalho da quadrinista sueca, Liv Strömquist, é colocado como objeto centralizador do trabalho, que analisa em “O Origem do Mundo, Uma História Cultural da Vagina ou a Vulva vs. o Patriarcado”, o humor como marca de autoria, e especialmente o uso de mecanismos como a ironia em prol de uma ressignificação do feminino e da rasura do discurso patriarcal. Sustentada sob a proposta de renovação da linguagem de Richard Rorty (2007), que propõe uma construção mais solidária e abrangente de comunicação e, conseqüentemente, menos baseada em absolutismos, a análise também se apoia sob um olhar expandido para o universo da HQ, que conta com o texto escrito e a imagem, uma constituição literária complexa em sua amplitude de significados e maneiras de olhar e, portanto, que exige uma visão panorâmica sobre o todo, tirando da planura os significados e permitindo amplificar as metáforas oferecidas ali.

Palavras-chave: História em Quadrinho, ironia, riso, feminino, patriarcado, ressignificação, ruptura

Lista de Figuras

Figura 1 - Narradora da HQ retratando a história de John Harvey Kellogg	12
Figura 2 - Sequência sobre a menstruação	18
Figura 3 - Crista de galo de ponta-cabeça	18
Figura 4 - Fruit of Knowledge: capa da publicação da HQ nos Estados Unidos	21
Figura 5 - A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado: capa da publicação da HQ no Brasil	21
Figura 6 - Capítulo 3 - Sobre o Orgasmo feminino	24
Figura 7 - As formas de encontrar diferenças entre homens e mulheres	26
Figura 8 - A sexualidade como mecanismo de diferenciação	27
Figura 9 - O sistema binário	29
Figura 10 - Colagem de propagandas de absorventes	30
Figura 11 - Crençices sobre a menstruação	31
Figura 12 - Página inicial do primeiro capítulo da HQ	34
Figura 13 - Episódio da rainha Cristina	35
Figura 14 - Ironia verbal em uso	36
Figura 15 - Ironia verbal em uso 2	37
Figura 16 - Passagem sobre John Harvey Kellogg no primeiro capítulo da HQ	39
Figura 17 - Sequência da passagem sobre John Harvey Kellogg	40
Figura 18 - Adaptação do discurso religioso para o discurso científico	43
Figura 19 - Diálogo entre homens sobre a menstruação	46
Figura 20 - Passagem sobre a TPM 1	47
Figura 21 - Passagem sobre a TPM 2	47
Figura 22 - Passagem sobre a TPM 3	48
Figura 23 - Explicação de livro de biologia sobre as genitálias masculina e feminina	50
Figura 24 - Explicação de livro de biologia sobre órgãos genitais durante sexo heterossexual	50
Figura 25 - Explicação sobre a existência de figuras	52

denominadas “Sheela-na-gig”, que eram mulheres expondo suas vulvas.

Figura 26 - A figura de Sheela-na-gig no universo fantasy atual	53
Figura 27 - Explicação de livro de biologia sobre as genitálias masculina e feminina	54
Figura 28 - Linha de produção de planuras	55
Figura 29 - Planuras	55
Figura 30 - A narradora	56
Figura 31 - Monólogo da narradora no capítulo 1	58
Figura 32 - Segunda parte do monólogo da narradora do capítulo 1	59
Figura 33 - A história de Baartman	65
Figura 34 - A história de Baartman pós morte	66
Figura 35 - Barão Georges Cuvier	67
Figura 36 - Exumação da rainha Cristina	68
Figura 37 - Intertextualidade e uso de fontes	70
Figura 38 - Colagem de propaganda de absorventes	71
Figura 39 - Documentário da playboy	71
Figura 40 - Cumprimento entre mulheres retratado na HQ	74

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS, MÚLTIPLOS OLHARES: LIV STROMQÛIST E O ESPAÇO DO HUMOR	16
1.1. Liv Strömquist: por Outros Femininos	19
1.2 O Humor como Marca da Autora: um Caminho para a Transgressão	22
1.3. Não se nasce humorado, torna-se	25
2. A IRONIA COMO MARCA DO DIÁLOGO DE LIV STRÖMQUIST: UM RECURSO ESTÉTICO PARA O ACOLHIMENTO DA DIVERSIDADE	33
2.1 Rorty e as Formas de Dizer Solidárias	41
2.3. A representação encenada: desaplanando o olhar por uma linguagem-outra	55
3. A RUPTURA DA HISTÓRIA TOMADA COMO OFICIAL: UM LUGAR PARA NOVAS METÁFORAS	63
CONCLUSÃO, OU UMA NOVA RUPTURA	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, volta o olhar para a HQ “A Origem do Mundo, Uma História Cultural da Vagina ou a Vulva vs. o Patriarcado”, da sueca, artista de quadrinhos e cientista política, Liv Strömquist. Strömquist, é conhecida por suas obras de caráter político, com enfoque na sexualidade e liberdade feminina, como é o caso de “Cem por cento de Gordura” (2005), primeira publicação da autora e “Drift” (2007), série criada em parceria com Jan Bielecki, ilustrador e designer sueco. Com destaque para essa segunda, onde as características de sua narrativa se mostram ainda mais a floradas, e a autora subverte os papéis, colocando os homens retratados em um lugar de sexualização, geralmente ocupado pela mulher. Apesar do nome difundido no meio dos quadrinhos, especialmente no que diz respeito à temática de gênero, no Brasil, sua obra mais acessível e comentada é “A Origem do Mundo”, lançada em 2014 na Suécia, e publicada em 2017 pela editora brasileira Quadrinhos na Cia, do grupo Companhia das Letras.

No mesmo ano de publicação da HQ pela Quadrinhos na Cia, um estudo sobre igualdade de gênero do Fórum Econômico Mundial, mostrou dados contrastantes entre o Brasil e o país de origem da autora. Nele, a Suécia se mostrou o quinto melhor país para mulheres, enquanto o Brasil ocupou a nonagésima posição. Mesmo em um país relativamente mais desenvolvido em termos de igualdade de gênero, a urgência de Strömquist em trazer à tona a discussão quanto aos estereótipos do corpo feminino, e especialmente a vergonha que assola as mulheres em torno de assuntos relacionados à vulva, mostra o quão complexo é se desvencilhar do discurso patriarcal. Discursos esses que, em menor ou maior grau, a exemplo do comparativo entre Suécia e Brasil, penetram a sociedade e geram prejuízos severos à realidade feminina perante a sociedade.

Encorajada por suas experiências pessoais e seu conhecimento enquanto cientista política, Strömquist iniciou uma pesquisa para entender e trazer para sua obra concepções que, ao longo do tempo, levaram à percepção de tudo o que diz respeito ao corpo da mulher como ele é entendido hoje, e também ao papel do feminino enquanto parte da comunidade e de suas relações cotidianas, o que faz da HQ um retrato complexo de discursos sobre a temática, que incorpora recursos como a ironia e o humor a fim de gerar ruídos nos valores patriarcais.

Em “A Origem do Mundo,” Strömquist traz essas questões, ainda, através da inserção, na narrativa, de dados históricos tomados como “oficiais”, num claro diálogo com o conceito de metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991). Dessa forma, a autora faz uso de citações, fotografias, artigos científicos e relatos “históricos”, buscando embasamento para sua contestação dentro da sociedade e, refutando, através da própria incoerência desses discursos, sua legitimidade, recurso alinhado às teorias em torno da pós-modernidade – num movimento claro de “confusão” dos limites entre “real” e ficcional” ou, ainda, de “verdade” e “mentira”.

A autora também deixa claro desde o início da HQ, através da única personagem fixa inserida na obra: a narradora da mesma, que seu principal objetivo é colocar em observação como determinados discursos constroem formas castradoras de falar, lidar e padronizar o sexo feminino. Organizada através de quatro segmentos, apresentando uma listagem de eventos que dialogam com a temática principal de cada um deles, a HQ traz à tona situações como a de John Harvey Kellogg, que além de ser o pai dos sucrilhos, também era médico e dedicava seus estudos a encontrar formas de provar os malefícios da masturbação. Esse mesmo homem, costumava aplicar ácido carbólico puro no clítoris, para “aliviar a excitação anormal”, e assim, impedir a masturbação feminina. No segmento voltado para a temática da menstruação e TPM, Strömquist apresenta o discurso de Edward F. Clark, um médico que argumentou em seu livro contra o ingresso de mulheres na universidade, alegando que seu cérebro gastaria todo o sangue necessário para o estudo durante a menstruação.

Figura 1 - Narradora da HQ retratando a história de John Harvey Kellogg.



Dentre uma diversidade de episódios similares aos retratados acima, Strömquist utiliza do recurso da ironia como ferramenta de revisão do discurso pronto em torno da mulher e dos eventos desencadeados pelo mesmo. Dessa maneira, a proposta do uso da ironia enquanto rasura, deixa clara uma negação no que diz respeito à continuidade da reprodução desses discursos, e propõe a eles um olhar que reconheça a sua insuficiência. Essa proposta de Strömquist coloca o leitor em suspensão, fazendo com que o texto chegue a ele “ausente” de sentido – ou, pelo menos, sem uma leitura única, fixada como obrigatória. Esse aparente esvaziamento do texto convoca o leitor, trazendo à tona uma obrigatoriedade de reflexão sobre o discurso, que faz da ironia um caminho para a desleitura, de maneira a chegar a uma nova interpretação de mundo e de sua consequente ressignificação. Dessa forma, temos uma proposta que acolhe “novas leituras, conferindo a essas narrativas uma inclinação para o diverso” (ALAVARCE, 2020 p.4).

Fator importante para a construção dessa narrativa, sua característica imagética, além de elemento primordial do gênero literário em que está inserida, também é indissociável da escrita, e em conjunto a ela, é incorporada como componente crítico que reforça o caráter irônico da HQ. Dessa forma, temos como questionamentos caros a este trabalho a maneira como esses elementos trabalham em prol da construção ou da desconstrução dos discursos apresentados. Além disso, o papel do raciocínio visual como recurso a ser explorado também é um elemento a ser levantado por conta de sua contribuição para a revisão de narrativas de maneira múltipla.

O humor também amplia os olhares diante do feminino na HQ. Como ferramenta utilizada pela autora como uma contraposição à visão sobre a temática feminista como “chata e inconveniente”, Strömquist traz para sua constituição uma abordagem bem humorada sem deixar de lado a intencionalidade de sua constituição. Através do humor, a subversão de papéis segue como forte característica da autora, que ganha mais força e atenção do leitor.

O pensamento de Rorty (2007), propõe uma discussão quanto à contingência da linguagem e desafios a serem postos à luz, uma vez que pairam entre a sociedade, discursos tomados como oficiais, que ditam, não apenas suas crenças, mas também suas formas de comunicar sobre tudo, ainda que essas formas de dizer não contemplem a imensidão das coisas ao seu redor, nem as verdades de todos aqueles por onde essa comunicação ressoa. Diante disso, Rorty considera a existência de um “vocabulário final” como reflexo das

convicções e atitudes de quem o emprega, e esse mesmo vocabulário, por vezes, se mostra insuficiente quando nos deparamos com novas convicções e ações ao nosso redor. A ironia é um recurso que contribui para essa reflexão sem necessariamente impor um novo discurso partindo do mesmo vocabulário, mas fornecendo ferramentas para a sua reconstrução.

[...] o ironista acha que todos esses argumentos - argumentos lógicos - são muito bons, à sua maneira, e são úteis como recursos de exposição, mas, no cômputo final, não são muito mais do que maneiras de fazer as pessoas alterarem suas práticas sem admitirem que o estão fazendo. A forma preferida de argumentação do ironista é dialética, no sentido de que ele toma a unidade de persuasão como um vocabulário, e não uma proposição. Seu método é mais a redescrição do que a inferência. Os ironistas se especializam em redescrever gamas de objetos ou eventos num jargão parcialmente neologista, na esperança de incitar as pessoas a adotarem e ampliarem esse jargão. (RORTY, 2007, p.141)

Para Rorty, a narração com recursos irônicos oferece um grande potencial de deslocamento do discurso para um outro lugar. Ao refletir sobre “A Origem do Mundo” neste sentido, é possível visualizar uma exposição de um “vocabulário final”, porém inclinándolo a um local de dúvida, não mais um lugar seguro, por onde ele sempre transitou. Dessa forma, o ironista incita o leitor a participar ativamente da “redescrição do que da inferência” (RORTY, 2007, p.141) através da dialética.

Portanto, o estudo que se segue visa contribuir para uma reflexão sobre a contingência da linguagem, e como a ironia, enquanto ferramenta literária e estética, viabiliza espaço para que se possa dizer de diferentes formas, e assim, dizer para um público mais vasto. Nele, buscarei ainda, contribuir para os estudos literários acerca do feminismo, especialmente olhando para o gênero de história em quadrinhos, mostrando como a junção de palavra e imagem pode ser um mecanismo valioso e reafirmador do conceito de redescrição irônico. E, por fim, como todos esses elementos se entrelaçam em busca de uma narrativa mais democrática e representativa.

Ao longo do primeiro capítulo deste trabalho, há uma busca pela validação da história em quadrinhos enquanto gênero literário, que parte do entendimento do surgimento de um olhar discriminatório sob essa literatura e segue rumo a uma compreensão de sua completude enquanto um gênero característico a ser interpretado, especialmente no que diz respeito à junção de imagem e texto escrito.

Ao longo desta análise, a compreensão da figura da autora também se faz necessária para enxergar o todo da obra, bem como suas motivações e sua busca por ampliar o olhar

sobre o feminino e sobre o papel da mulher no universo da história em quadrinhos. Conectado ao tema, o capítulo também vai abordar o uso do humor como mecanismo importante da escrita e criação visual da autora, e como seu uso através de uma voz feminina realiza um trabalho disruptivo ao redor dos condicionamentos sobre o que é ser mulher e sob tudo o que é ser uma mulher e falar sobre sê-lo em um universo literário.

No segundo capítulo, a ironia como ferramenta ao longo da HQ passa a ser mais explorada, e é quando se caminha desde um olhar mais prático sobre seu uso através de texto e figura, até o momento de olhar para a teoria de Richard Rorty, filósofo que se debruçou em busca de uma redescritção mais solidária do vocabulário através da literatura. Esse olhar mais inclusivo para as formas de constituir uma comunicação também é trabalhado ao longo da HQ dentro da temática do feminino, enquanto, associado a isso e mais direcionado à imagem, o livro de Nick Sousanis, “Desaplanar” (2017), nos leva a uma visão também mais democrática diante das figuras. Um olhar que enxerga mais longe que as planuras na escrita e na imagem.

O terceiro e último capítulo deste trabalho trabalha com a dualidade entre ficção e realidade dentro da literatura. Através da visão de Linda Hutcheon e Florencia Garramuño, espera-se analisar como se dá essa mistura dentro da ficção, e como esse também é um trabalho que parte da ideia de oferecer uma nova visão sobre como se deu o passado. Para tal, o conceito de metaficção estará presente, bem como exemplos da própria HQ, que deixam claro o diálogo, dentro da narrativa, com esse conceito. Assim, espera-se ampliar a visão sobre o feminino e sobre a ferramenta da ironia, utilizada ao longo dessa produção literária, que por si só já é disruptiva e quebra barreiras em sociedade.

1. UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS, MÚLTIPLOS OLHARES: LIV STROMQÛIST E O ESPAÇO DO HUMOR



Fábio Moon e Gabriel Bá

Conhecidas popularmente como um material de consumo infantil e especialmente marginalizado dentro dos estudos literários acadêmicos, as histórias em quadrinhos representam uma manifestação cultural importante que vem ganhando espaço enquanto gênero a ser estudado, porém, com uma vasta caminhada em busca de sua legitimação nos mais diversos espaços. Esta jornada que ainda precisa ser percorrida faz com que surjam interrogações sobre a percepção atual da representação dos quadrinhos enquanto literatura, e coloca em cheque as definições existentes sobre os mesmos.

De acordo com Beatriz Sequeira de Carvalho, em sua tese, esse desprestígio dos quadrinhos perante a academia muito se relaciona a uma percepção equivocada da existência de uma cultura “mais refinada” opositora de outra, tomada, conseqüentemente, como inferior. Muito dessa visão se deve ao fato da fácil relação dos quadrinhos com a cultura de massa e com a configuração industrial de sua produção, que de certa forma é vista como um fator comprometedor de sua “qualidade” enquanto produção literária.

Apesar de diversos indícios ao longo da história que exemplificam o interesse da humanidade em contar histórias através da junção do desenho e da escrita, certamente a invenção da imprensa se mostrou um grande marco para a produção dos quadrinhos, assim

como para a escrita de forma geral. Partindo daí, o desenvolvimento da tecnologia nunca mais parou, e as barreiras de acesso à cultura passaram a ser cada vez menores, fazendo do século XX um grande propagador de uma cultura mais democrática, que não agradou as classes dominantes, até então detentoras do acesso à imprensa, ao cinema e à rádio.

A ascensão dos quadrinhos se dá na primeira metade do século XX, justamente no período onde ocorre essa propagação da cultura de massa e, a partir daí, um movimento que busca levá-la para um lugar de “anticultura”, visando restabelecer as barreiras entre classes, colocando novamente a elite a cargo da detenção do modelo cultural habitual, tendo como justificativa a intenção do restabelecimento dos pilares da civilização.

Ainda seguindo a explicação de Cerqueira, os quadrinhos sofreram ataques mais direcionados da imprensa e da crítica literária ao serem caracterizados como nocivos e más influências para a população. Dois momentos foram importantes para essa deslegitimação: o primeiro, foi a publicação do livro *A Sedução do Inocente*, do psiquiatra Fredric Wertham, que criticava seu conteúdo sexual e violento, além de sua onipresença, possibilitada pela produção em massa. O segundo, foi o fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria, quando as intervenções armadas anticomunistas arruinaram carreiras de muitos quadrinistas e houve a criação de um comitê no Senado, que visava discutir a influência dos quadrinhos perante os altos índices de delinquência juvenil. Somados os fatores, os quadrinhos caíram em um limbo literário e social, e tiveram que, a duras penas, buscar sair das margens desses estereótipos.

Atualmente, as pesquisas sobre quadrinhos e seu reconhecimento literário têm se difundido em curva crescente, porém, ainda se faz necessária uma reflexão sobre o gênero e suas particularidades, a fim de compreender suas minúcias e captar as possibilidades de análise ofertadas pelas mesmas. O renomado cartunista, Will Eisner, utilizou como definição para os quadrinhos o termo “arte sequencial”, e em sua HQ produzida sobre a forma artística dos quadrinhos, Scott McCloud busca se aprofundar ainda mais em uma definição para os quadrinhos.

Segundo McCloud em “Desvendando os Quadrinhos” (1993), a terminologia utilizada por Eisner é pertinente, afinal de contas, as histórias em quadrinhos são exatamente uma sequência de imagens que, sozinhas, são apenas figuras, porém, sequencialmente, ganham significado. Apesar disso, nem todos os aspectos conseguem ser abrangidos pelo termo, uma vez que os quadrinhos se debruçam sobre uma forma de comunicar própria, que se mune de

diversas linguagens e explora elementos sensoriais. Por esse motivo se faz tão importante analisar esse universo e especialmente as conexões únicas possibilitadas pela união de figuras e escrita.

Essa conexão entre imagem e texto é muito explorada em “A Origem do Mundo”, uma vez que a autora lança mão de ambas de forma complementar. Na sequência abaixo, onde é feita uma pequena modificação na imagem, adicionando um vinho na mão da personagem e, posteriormente, trazendo uma reflexão sobre a vergonha de estar menstruada, temos um exemplo de como a imagem auxilia na redescritção de um evento, e se torna um meio de fazer com que a mensagem seja reforçada na mente do leitor.

Figura 2 - Sequência sobre a menstruação



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 101

Figura 3 - Crista de galo de ponta-cabeça



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 31

Já na figura 2, que é a capa de um dos capítulos da HQ, esse por sua vez dedicado ao clitóris, entendemos como a imagem pode também fazer um papel icônico dentro da história em quadrinhos, onde trazendo uma reprodução “ao pé da letra” do elemento escrito, faz também alusão a um dos mais incompreendidos órgãos femininos, sem necessariamente ter de retratá-lo de forma fiel.

Diante das reflexões iniciais expostas, fica clara a importância de um olhar interpretativo que consiga trabalhar com a junção entre texto escrito e imagem, que é predominante para a HQ, especialmente no que diz respeito à percepção das rupturas propostas pela autora acerca do feminino. Ao longo dos próximos capítulos, esperamos que seja possível demonstrar como se dá esse processo e reforçar a completude da interpretação do conteúdo partindo desse conceito.

1.1. Liv Strömquist: por Outros Femininos

A última década foi muito importante para a produção de quadrinhos da Suécia, que vem ganhando o mundo e, aos poucos, aprofundamento e conhecimento no Brasil. Liv Strömquist, autora de “A Origem do Mundo”, é um nome marcante entre as mulheres quadrinistas de seu país e também mundialmente. Na Suécia, a temática feminista começa a ganhar ainda mais força nos anos 90, quando Strömquist entrava na adolescência. Atualmente, o país conta com uma agenda avançada sobre o tema, e a passos similares têm ascendido os nomes femininos no universo das HQs.

Strömquist é fruto de importantes eventos até sua chegada ao reconhecimento enquanto quadrinista: o contato prematuro com o movimento feminista através de sua irmã, que participava de grupos de leitura sobre a temática, e realizava reuniões na sala de sua casa, sendo esse o primeiro momento em que a autora ouviu sobre nomenclaturas e ideias do movimento, o interesse do governo Suéco em inserir mais mulheres no mercado de trabalho à partir de 1970, onde novas políticas foram implementadas, e a descoberta dos quadrinhos como um lugar seguro e válido de fala para o movimento feminista.

Na Suécia, há uma forte tradição dos quadrinhos, porém, a participação feminina na autoria não era tão fortalecida. Foi na primeira década do século XXI, que o país resolveu fortalecer suas políticas de igualdade de gênero e possibilitar mais publicações de mulheres. Atualmente, as editoras possuem uma política de cotas que auxilia nesse quesito, e em 2009,

uma das maiores editoras do país, a Galago, decidiu obter publicações cem por cento igualitárias, realizando 50% das publicações de autoria masculina e 50% das publicações de autoria feminina.

Enquanto mulher e cientista política, Strömquist conta em entrevista com a *Quadrinhos na Cia* que não costuma escrever sobre aquilo que não a instiga profundamente, e que gosta de utilizar o humor como abordagem, portanto, faz de suas publicações um espaço reflexivo e bem humorado sobre questões relacionadas principalmente ao feminino.

Nesta mesma entrevista, quando questionada sobre o que a atraiu para a temática que centraliza “A Origem do Mundo”, Strömquist cita um episódio de sua adolescência onde sentia muita cólica menstrual na escola mas não teve coragem de dizer à professora que precisava ir à enfermaria para se medicar. Quando finalmente tomou coragem para levantar, desmaiou em meio a sala de aula toda por conta das fortes dores. Strömquist revela que se pegou pensando sobre esse episódio tentando entender o que a fez ter tanta dificuldade em se comunicar sobre algo natural, de onde vieram os tabus sobre a menstruação e o que fizeram as mulheres para ter de lidar com o sentimento de vergonha sobre o próprio corpo.

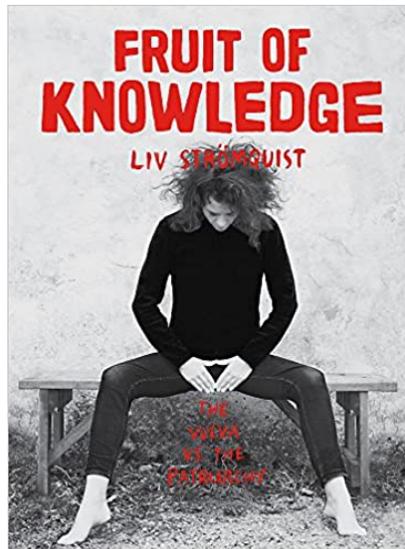
Partindo dessa memória de fortes sentimentos de vergonha, a quadrinista iniciou uma pesquisa que a fez viajar alguns anos atrás e entender motivações e contextos até então desconhecidos, como o fato de escolas da Suécia, um país considerado extremamente desenvolvido nesse aspecto, ainda utilizarem em suas apostilas de biologia a descrição do clítoris como uma “pequena gota” presente no órgão genital feminino, ou os discursos cíclicos e rasos reproduzidos há muito tempo sobre a vulva.

Para Strömquist, tudo caminhou para o fato de que esses sentimentos de vergonha vivenciados por ela estavam quase sempre conectados ao corpo feminino e à menstruação, e que essas memórias sempre pareceram muito solitárias, ainda que no fundo ela soubesse que essas eram questões de gênero muito mais abrangentes do que se permite trazer a público. Daí nasceu “A Origem do Mundo”, uma HQ que possui uma narradora sem nome ou sem aproximação nenhuma com um correspondente real, mas que pode estar representada na vida de inúmeras mulheres.

Ainda na mesma entrevista, Strömquist relata que, durante uma exposição da HQ, sofreu ataques de uma manifestação contrária por utilizar imagens de mulheres expondo sua menstruação, assim como na capa do livro, porém, também enfatiza que, no geral, a receptividade da publicação foi positiva, salvo algumas questões culturais ainda muito fortes,

como o caso da publicação na Rússia, onde o livro é caracterizado como pornografia e teve sua capa censurada.

Figura 4 - Fruit of Knowledge: capa da publicação da HQ nos Estados Unidos



Fonte:

<https://www.amazon.com.br/Fruit-Knowledge-English-Liv-Str%C3%B6mquist-ebook/dp/B077VS5MGR>.
Acesso em: 24 jun. 2021

Figura 5 - A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado: capa da publicação da HQ no Brasil



Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=65105> Acesso em: 24 jun. 2021

A autora também comenta sobre suas escolhas na abordagem de determinados temas, como o orgasmo feminino, onde sinaliza que o sexo como é constituído hoje, tem muito a ver com a estrutura social, onde quanta confiança uma mulher possui para dizer o que se sente confortável em fazer, quanto dinheiro ela possui para não ser dependente de um homem, ou quanto entendimento ela possui sobre o próprio corpo, mudam a forma como ela reage entre quatro paredes.

Levando em consideração esse pensamento, e reiterando que, justamente pelo sexo feminino estar comumente mais exposto a cobranças por padrões estéticos, menor educação sexual e entendimento sobre o próprio corpo e inserção no mercado de trabalho ainda falha e desigual, seu prazer acaba ficando em segundo plano.

Liv Strömquist sempre sentiu que cresceu ao redor de uma cultura onde uma mulher feminista era conhecida por sua falta de humor, dificuldade em sorrir e tendência a ser mais facilmente retraída e ofendida, por isso, resolveu fazer de sua obra um lugar onde fosse possível utilizar o humor para tratar da temática, mostrando o lado oposto do senso comum sobre o mesmo. Para Strömquist, foi fácil rir das histórias compiladas justamente por sua incoerência, portanto, a autora considera um grande ato feminista poder rir do machismo e buscar formas inesperadas de passar esse conhecimento adiante.

1.2 O Humor como Marca da Autora: um Caminho para a Transgressão

O humor anda muito próximo à ironia ao exercer um papel questionador, que ocupa um espaço muito maior de incerteza e tensão perante as verdades absolutas consolidadas entre a sociedade, do que de consonância com as mesmas. Em “A Origem do Mundo”, ambas as ferramentas andam de mãos dadas e por diversas vezes se fundem, tornando-se quase indissociáveis uma da outra.

Sendo o riso também uma forma de ampliar o olhar para determinado tema, mostra-se um grande aliado na abordagem de Strömquist ao longo da HQ, que visa se apropriar de discursos masculinos e torná-los risíveis, contrariando a forma como foram perpetuados historicamente, e assim, levados a sério, ainda que com as tantas possibilidades de ressalvas quanto a sua verdade.

De acordo com Strömquist em entrevista para a Cia dos Quadrinhos, era importante trazer ao seu discurso uma crítica feminista que descaracterizasse o movimento como proveniente de uma visão “chata”, assim como muitos acreditam. Portanto, utilizar o riso foi uma maneira de fazer com que seus questionamentos chegassem ao público de forma mais democrática. Quem faz rir ganha um público mais atento e aberto a ouvir.

Em “A Ironia e Suas Refrações” (2009), Camila Alvarce discorre sobre a visão de Cícero, que vê muitas vantagens interceptando aqueles que fazem rir, dentre elas o ganho de um “ouvinte benevolente” e a dissipação de “acusações desagradáveis”. Certamente, inúmeros exemplos de uso do humor demonstram ganhos positivos ao locutor, que se apresenta como proprietário de conhecimento o suficiente para rir, questionar e levar adiante sua observação sobre aquilo que por diversas vezes se encontra intocado na sociedade.

Apesar disso, nem todas as formas de utilizar o humor se apresentam com a mesma potência, assim, o filósofo deixa claro que há uma diferença importante entre o que ele chama de orador e bufão. Para Cícero, o primeiro possui motivos para utilizar desta ferramenta, já o segundo, não possui uma razão para seu uso. Em “A Origem do Mundo”, temos um claro exemplo de orador que visa estreitar laços com seu público a fim de convencer, transportar o interlocutor para um novo discurso, desaplanar.

Ainda no livro de Camila Alvarce, temos o olhar de Quintiliano, que acrescenta a teoria de Cícero um fator que caracteriza muito bem o discurso presente em “A Origem do Mundo”: “quando se tem o ar de não compreender o que se compreende muito bem” (1999, p. 64). Para Quintiliano, a ingenuidade que não é propriamente ingenuidade, mas sim uma forma prudente de questionar determinados temas, se torna uma forma elegante de utilizar o humor.

Daí, então, encontramos uma similaridade gigantesca entre o riso e a ironia “que também irrompe, muitas vezes, de uma ingenuidade fingida” (2009, p. 75). No capítulo dedicado ao orgasmo presente em “A Origem do Mundo”, esse tipo de mecanismo fica evidente na passagem em que um estudo de 1960 mostra que o clítoris é parte crucial para a sexualidade feminina, e é considerado revolucionário, ainda que esse já fosse um conhecimento difundido no século XVII, e simplesmente deletado da sociedade por muito tempo.

É então que a feminista Shere Hite, realizou uma pesquisa entre mulheres para entender como atingiam o orgasmo mais facilmente, e compreendendo o clítoris como a forma mais comum para a maioria das mulheres, também discorreu sobre como a ideia de

relação sexual “ideal” permeava apenas em torno da forma mais fácil para o homem de atingir o orgasmo, desconsiderando o que realmente era importante para as mulheres. Nos comentários da narradora em sequência, é possível perceber uma falsa ingenuidade e uma mescla de ironia e humor para abordar a situação:

Figura 6 - Capítulo 3 - Sobre o Orgasmo feminino



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 77

É importante lembrar que o que antecede a fala “Mas o que posso dizer? Afinal, a especialista em sexo não sou eu...” é uma sequência de amostras de estudos duradouros sobre o tema que desmentiam a forma como se descrevia o prazer feminino ao longo dos anos, finalizada com um exemplo de como o conhecimento sobre sexo é repassado para as mulheres fazendo-as crer que suas necessidades muito se distinguem de “sexo de verdade”.

Novamente, a narradora utiliza eventos por si só contraditórios e dentro de um senso comum para gerar tensão entre um discurso excludente, e as possibilidades de verdades que podem ser também notadas sobre a temática. No que diz respeito às imagens, a figura masculina aparece como no geral ao longo da HQ, com um semblante apalermado, enquanto a feminina está sempre de certa forma cansada. Ao final da frase, a narradora também utiliza um emoji triste, o mesmo que para McCloud pode simbolizar qualquer pessoa, também com um misto de humor e ironia, visto que os especialistas no assunto se mostraram enviesados em suas concepções.

Uma vez que Stömquist e a narradora que criou, que muito pouco se desassocia da própria autora, têm motivos de sobra para buscar por uma aproximação do público, e uma

causa genuína para desconstruir ao longo da narrativa, resta a dúvida do porquê para muitos ainda é difícil olhar para sua abordagem e se desarmar para então evoluir suas formas de compreender a temática.

Não restam dúvidas de que o humor realmente desarma o público, mas há uma distinção entre o público que ri, por exemplo, de uma clássica piada sobre mulheres loiras serem burras, e o público que ri da contradição desse tipo de produção discursiva, como é o caso de um humor considerado “politicamente correto”. O público que se desarma perante uma piada preconceituosa, se enxerga em seu orador, encontra nele a coragem para dizer aquilo que também está condensado a pensar.

Têm razão as pessoas que um dia disseram a Strömquist que mulheres feministas levam tudo muito a sério. O humor, por muito tempo, foi um lugar de fala do homem, ou pelo menos constituído partindo do princípio de que para os homens aquilo faria graça. Seja para falar sobre feminismo ou não, o humor das mulheres é uma ferramenta relativamente menos reconhecida, não porque a elas não caiba essa característica de fazer rir, mas porque a elas, por muito tempo, coube a invisibilização.

No que diz respeito ao humor como mecanismo reflexivo, é importante sinalizar que essa característica não lhe foi empregada facilmente. De acordo com o que sinaliza Camila Alavarce no capítulo de seu livro dedicado ao riso, o ato de fazer rir, por muito tempo, foi dissociado de assuntos sérios, e se manteve então localizado em um espaço de leveza, quando na verdade, o riso ganha um papel forte na instauração de tensão e reflexão sobre grandes temáticas da sociedade. Em “A Origem do Mundo”, esse papel não é diferente, através de elementos risíveis, é possível contestar o que se diz e como se diz sobre o feminino, e acima disso, garantir que a forma como se faz isso também seja uma nova quebra de barreiras graças ao humor empregado.

1.3. Não se nasce humorado, torna-se

Embora não necessariamente o humor feminino precise trazer representações do discurso feminista à tona, especialmente no que diz respeito às quadrinistas mais conhecidas de nossa década, essa é uma temática presente nas produções femininas com narrativas humorísticas. Essa abordagem muito se assemelha ao que diz Cícero sobre o orador ter realmente uma causa para comunicar, e para isso precisar ganhar o público.

O humor que tensiona e é feito para instabilizar ideias, cabe perfeitamente na temática feminista, apesar desse espaço ser, por séculos, negado à mulher, seja fazendo delas desprovidas de humor, seja retirando delas a capacidade de compreender o humor produzido por homens, seja possibilitando a elas espaço para produzir seu humor. Em “Femmes et humour”, Mira Farlardeu relata a história como “extremamente mesquinha em relação ao humor das mulheres” (2014, p.224).

Mas por que é tão difícil associar o humor a uma característica feminina? Por que é negada à mulher a possibilidade de fazer rir? Ao homem que faz uso do humor há uma caracterização de inteligência e sagacidade. Dar a mulher esses mesmos atributos é o mesmo que equiparar ambos os gêneros, empoderar quem até então esteve em qualidade de inferioridade perante o gênero masculino.

Em “A Origem do Mundo”, ainda no capítulo sobre o orgasmo feminino, a narradora discorre sobre a busca incessante de uma justificativa que inferioriza a mulher em comparação ao homem. Essa visão teve duas etapas: a que fazia da mulher similar, porém inferior, e a que fazia da mulher totalmente oposta ao homem (ainda assim mantendo a ideia de inferioridade).

Figura 7 - As formas de encontrar diferenças entre homens e mulheres

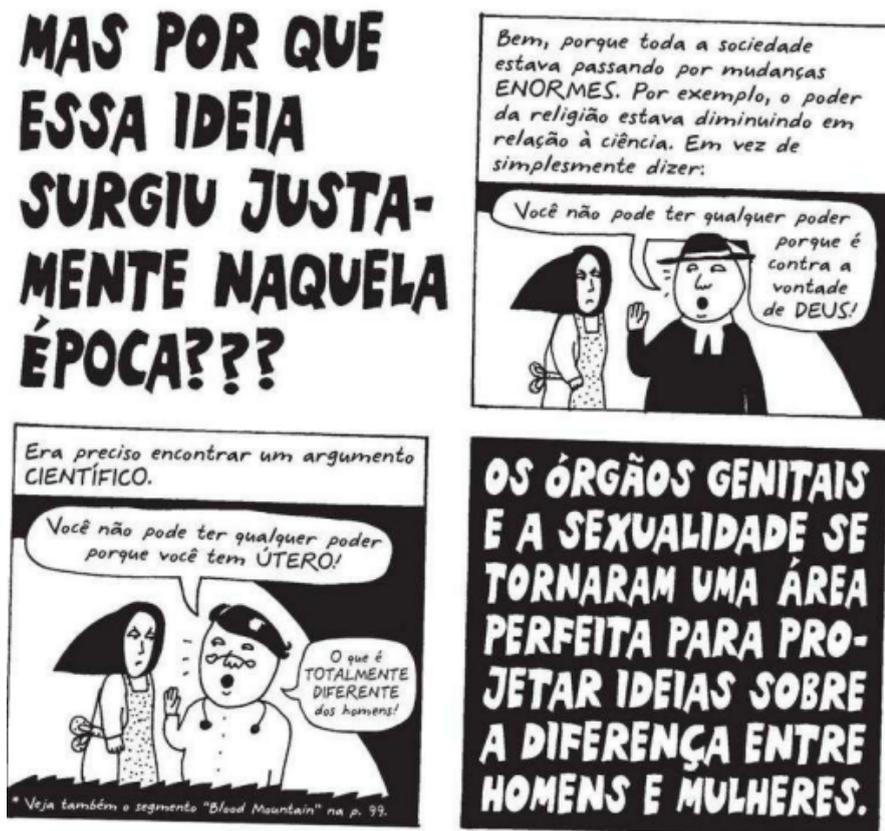


Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 66

O capítulo cita muito mais especificamente a busca por um entendimento de cunho sexual, porém, de certa forma, isso acaba ditando como conceitos culturais modernos visualizam a mulher e o homem enquanto seres distintos, e geram diversas formas

excludentes e de inferiorização, seja na dificuldade de assumir a sexualidade feminina, ou na impossibilidade de enxergar o humor como uma ferramenta também presente em obras escritas por mulheres.

Figura 8 - A sexualidade como mecanismo de diferenciação



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 67

Na passagem acima, não só há uma justificativa de como as mulheres chegaram a um espaço de inferiorização na sociedade partindo do âmbito da sexualidade e dos órgãos genitais, como também é encontrado um discurso humorístico, que revela contraste nas tentativas de permanência dessa visão. Ela mostra como apesar do conteúdo do discurso ter sido modificado em prol de uma mudança social onde justificativas religiosas não eram mais tão bem vistas, a finalidade se manteve a mesma.

Levando em consideração a corrida em busca da inserção da mulher em um discurso pré moldado sobre seu gênero, dar a ela a possibilidade de utilizar o humor como uma ferramenta de seu discurso, seria abrir espaço para tumultuar as concepções sobre seu lugar na sociedade, e tendo em vista essa possibilidade um pouco mais amplificada nos dias atuais, é

exatamente para esse modelo de tensionamento de discurso que tem se enquadrado o humor feminino.

O humorista vai de encontro aos valores publicamente aceitos da cultura, ele mostra que os pés dos santos são de barro, diz que não apenas o imperador está nu, mas também estão o político, o piedoso e o pomposo. Para as mulheres, tomar tal atitude significa quebrar as regras da posição pacífica e subordinada que lhes foi conferida por séculos de tradição patriarcal, e revelar as vergonhas, hipocrisias e incongruências da cultura dominante. Ser uma mulher e humorista é confrontar e subverter o próprio poder que mantém a mulher impotente e, ao mesmo tempo, correr o risco de confrontar justamente aqueles de quem ela é dependente. (SILVA, 2015 p. 51)

Ao adentrar o universo dos quadrinhos e a inserção feminina também recente no mesmo, o humor se faz um mecanismo importante para tratar de assuntos sérios e vice-versa. Ambos os contextos nos deparam com diferentes problemáticas: a pura seriedade da mulher sobre uma temática faz dela maçante, chata. Enquanto isso, o humor de uma mulher que simplesmente siga temáticas comuns ao ambiente masculino não ganha espaço, dificilmente convence. Ambas as visões juntas fazem com que a inserção da agenda feminista aos quadrinhos femininos seja um bom caminho para a visibilidade.

“A Origem do Mundo” é uma obra que traz elementos consolidados, porém, busca gerar movimentações entre esses elementos, e sua proposta é claramente feminista. Nela, Strömquist aponta como o patriarcado leva mulheres a se envergonharem de seus corpos, de seu gênero e de tudo o que é inerente a ser mulher. Seu humor se caracteriza por denunciar discursos intrínsecos à sociedade quanto ao feminino, justamente reproduzindo e comentando essas falas.

Figura 9 - O sistema binário



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 40

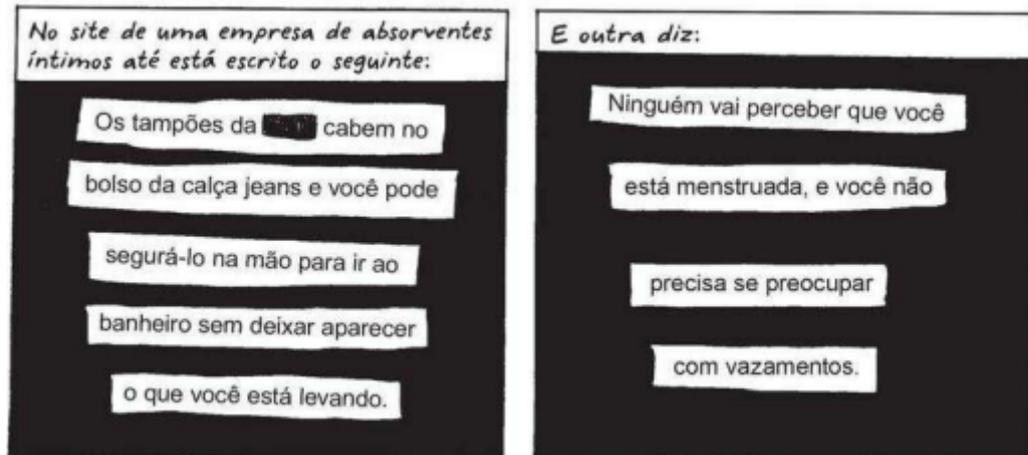
A figura 9 está presente no capítulo destinado à vulva, e mostra alguns dos mecanismos de humor utilizados por Strömquist ao longo da HQ. A busca por uma reconstrução do discurso fica evidente através de um recurso comumente utilizado por Strömquist ao longo da HQ: a colagem. Através da colagem, há uma inserção de uma imagem com significado utilizado de maneira totalmente diferente em outro discurso, e então sua transformação cabível para dentro do texto da HQ.

Neste exemplo, a figura de um homem e mulher fantasiados de Adão e Eva, que anteriormente se inseria em um significado distinto, representa ali tudo o que se tem como discurso quanto à binariedade, contraposta à espada e à bainha, que representam neste excerto, a forma como os órgãos genitais masculinos e femininos se “encaixam” de acordo com descrições comumente encontradas na sociedade, tudo isso interposto pelo símbolo de yin yang, que representa o dualismo.

Essa forma de ressignificar imagens através de colagens é um suporte para a ressignificação do discurso vigente, de certa forma ridicularizando seu significado e abalando aquilo em que se acredita. Outro recurso de colagem muito comum na HQ é o que é realizado através de manchetes de jornal ou propagandas escritas. No capítulo Blood Mountain, que

trata da menstruação, ela se repete muito ao citar a forma como publicidades de empresas de absorvente remetem a “sensação de frescor” e “segurança e proteção” frequentemente.

Figura 10 - Colagem de propagandas de absorventes



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 102

Esconder a menstruação e o fato de precisar usar absorventes é um discurso comum em propagandas de empresas de absorventes, e o que faz com que empresas diretamente relacionadas ao público feminino optem por adotar esse discurso é o fato de que a menstruação é um tabu para a sociedade. Segundo o livro “The Curse: A Cultural History of Menstruation”, citado em A Origem do Mundo, “a própria palavra “tabu” vem da palavra polinésia “tapua”, que significa justamente menstruação” (STRÖMQUIST, p.102).

Na colagem utilizada na HQ, é possível visualizar o discurso encontrado no site de uma empresa fabricante de absorventes inserido no contexto do quadrinho e então buscar explicações para o fato da normalização desse discurso em sociedade. Aqui, Strömquist mostra como o sério pode se unir ao humor, trazendo exemplos nada bem humorados e posteriormente tirando do leitor o riso, como é possível analisar na figura 11, que aparece no livro logo após a colagem da figura 10. mostrada acima.

Figura 11 - Crençices sobre a menstruação



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 105

Na figura 11, os recursos se mesclam. Ainda utilizando a pesquisa trazida no livro “The Curse”, trata-se das crençices que seguiram por muito tempo quanto aos malefícios da presença de mulheres menstruadas em ambientes sociais. Dessa forma, a HQ segue mostrando mulheres com a face cansada e confusa, enquanto homens surgem com o olhar tolo, e mais uma vez as colagens aparecem. Desta vez há um retrato de homens da indústria do ópio de Saigon, nela, eles dissertam sobre o perigo de ter mulheres menstruadas trabalhando em suas fábricas, o que contrasta de forma risível ao fato de toda a indústria a qual estão presentes ser justamente extremamente nociva para a sociedade no geral.

O recurso humorístico aqui, carrega um pouco do uso da ridicularização, assim como sugere Shaftesbury e discorre Alvarce sobre o tema. O riso, inserido na figura 11, é um riso que busca pela liberdade através de um olhar cirúrgico sobre “imposturas e superstições”

(2009, p.85). Rindo dos discursos que geram amarras ao feminino, a narradora busca sair de um lugar onde foi inserida graças a um discurso de certa forma menos racional e injusto.

Sendo assim, Strömquist carrega em sua HQ um riso trágico. O riso, nesse caso, é “fruto de uma oposição profunda: entre o que de fato somos e o que almejamos ser” (2009, p.80). Em sua narrativa cheia de contrastes, onde o principal é o fato de ela, uma mulher, estar na posição de apontar as falhas da narrativa que levam o feminino para esse complexo lugar na sociedade, e de certa forma, provocar o riso quanto a isso, um riso que tensiona e quebra o discurso patriarcal, abrindo espaço para o humor da mulher, que ali não vê realmente graça.

2. A IRONIA COMO MARCA DO DIÁLOGO DE LIV STRÖMQUIST: UM RECURSO ESTÉTICO PARA O ACOLHIMENTO DA DIVERSIDADE



Fábio Moon e Gabriel Bá

A ironia é um procedimento que marca o diálogo de Liv Strömquist ao longo da HQ, e também uma ferramenta pela qual toda a sua obra tem sido constituída e, por essa razão, escolhemos repensar esse conceito a partir da HQ, bem como entender quais leituras podem ser tecidas a partir do recurso da ironia. A própria autora deixa claro que a ironia, que é o tópico principal deste trabalho, visa criar uma destabilização daquilo que é conhecido e considerado sobre o feminino na sociedade, e também, promover uma provocação à ideia fixada de que a mulher feminista tem como característica principal a falta de humor.

De acordo com Muecke, as artes não verbais também podem ser constituídas igualmente de ironia. Em “A Origem do Mundo”, Liv Strömquist une ambas as linguagens em prol da construção de uma leitura mais acolhedora da diversidade que constitui o feminino.

A narradora de “A Origem do Mundo” deixa clara sua opinião sobre os eventos apresentados e os trata com repúdio. Para ela, o próprio fato de precisar falar sobre o tema e refutar determinadas atitudes já é algo irônico e perturbador. Desta forma, trabalha também com uma forma de ironia chamada de observável, uma vez que, nesses casos, não utiliza uma inversão verbal para explicitar as ocorrências nas histórias contadas, porém, faz necessário que o leitor perceba e julgue os relatos ao longo da leitura. Na figura 12, há uma clara amostra

de como a ironia funciona dentro da HQ, uma vez que a página inicial que intitula seu primeiro capítulo mostra um incômodo com a representação desses homens e por aquilo que realizaram, porém, não deixa de fazer uso da ironia, deixando a cargo do leitor que entenda contrastes na sentença, como o fato de serem homens que se interessaram por algo que diz respeito ao corpo feminino, e o uso do “um pouco demais” para reforçar a ideia de que suas “contribuições” foram excessivas.

Figura 12 - Página inicial do primeiro capítulo da HQ



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 7

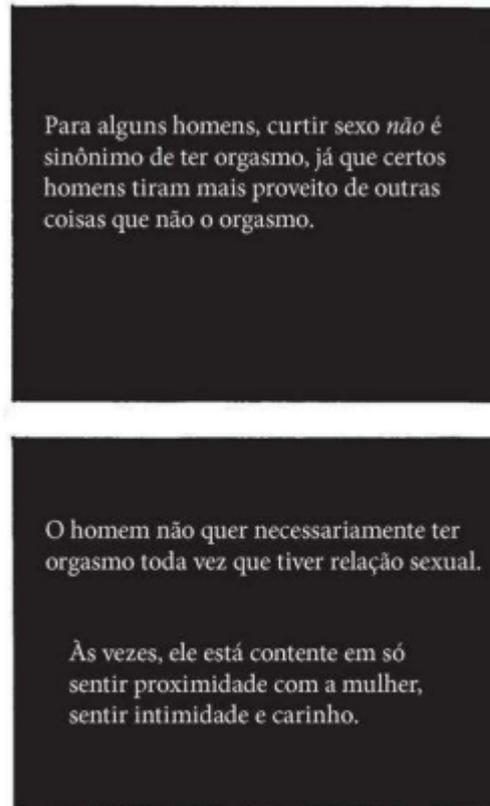
Muecke fala de dois tipos de ironia: a ironia observável e a ironia verbal. A primeira, consiste em encontrar incongruências naquilo que é visto ou presenciado. Um exemplo deste uso na HQ é o episódio em que um grupo de homens fez de tudo para desenterrar a rainha Cristina da Suécia em busca de provas de que ela seria hermafrodita por nunca ter tido interesse em se casar e também por ser extremamente estudiosa e inteligente. Como se tratava de um esqueleto, esses homens acabaram não conseguindo concluir nada sobre sua constituição sexual, e para esse fato, a autora não precisou fazer modificações bruscas na linguagem, apenas fazê-lo ser observado.

Figura 13 - Episódio da rainha Cristina



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 29

Já no que diz respeito à ironia verbal, é possível perceber uma inversão semântica, que diz o oposto ao que se quer dizer. A autora de “A Origem do Mundo”, lança mão por diversas vezes deste mecanismo, a fim de ressaltar o quanto determinada verdade concebida sobre a mulher soa ridícula se inserida no contexto masculino. Desta forma, diz algo que não necessariamente corresponde ao que acredita, mas em busca de rasurar as falas enrijecidas sobre o tema, como observamos a seguir:

Figura 14 - Ironia verbal em uso

Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 59

Na passagem acima, Strömquist inverte os papéis dentro de sentenças já conhecidas pela sociedade sobre o sexo feminino. Através desse deslocamento realizado por ela, conseguimos enxergar o esvaziamento desse discurso, gerando uma contestação que beira o absurdo. Dessa forma, a ironia utilizada aqui utiliza um discurso fixo e obriga o leitor a relativizar a dureza do discurso direcionado à mulher, retirando o centro de ordenação dessas falas, forçando a desleitura e deslegitimando a binariedade fixa desse tipo de fala.

Apesar da existência da ironia observável na HQ, também é importante sinalizar que por diversas vezes a narradora busca colocar em cheque a forma como se reproduzem determinados discursos, e para essa finalidade, faz uso da ironia verbal. Essa mistura é comum, uma vez que mesmo para a ironia verbal, nem sempre fica clara a real intenção do narrador, e assim se reforça a ideia de que para ambientes onde essa ferramenta está presente de forma incidente, é importante estar sempre atento.

Na passagem abaixo, sobre Santo Agostinho, presente no primeiro capítulo, fica clara a tentativa de atenuar um sentimento ao longo da fala, e o último quadro, onde há uso de

letras garrafais e enfáticas é uma forma de exibir um quase desequilíbrio, um aumento de voz ao deixar claro que não se pode ser positivo com o escritor.

Figura 15 - Ironia verbal em uso 2



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 11

No que diz respeito às imagens, há uma mistura de recursos de cartum com representações fotográficas. Os recursos de cartum fazem com que haja uma inserção e envolvimento maior do leitor ao longo do texto, já as representações fotográficas, são utilizadas em prol da criação de um valor de verdade nos excertos apresentados. O cartum serve para contar e atrair o leitor para a história, logo depois são inseridas as fotografias ou prints referenciados como forma de reforçar o que foi dito. Muitas dessas representações realistas vêm acompanhadas de comentários irônicos que mantêm a continuidade da temática.

Na passagem sobre John Harvey Kellogg, no capítulo “Homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de genitália feminina”, há essa mescla do cartum com a fotografia, onde a narradora explica as ideias de Kellogg utilizando o cartum como uma representação do médico e, posteriormente, utiliza a foto de um documento onde Kellogg sugere a inclusão de conselhos físicos ou espirituais para quem já praticou ou pensava em praticar a masturbação.

O uso de letras garrafais, que tendem a levar para a ideia de revolta ou destaque para um fato, em conjunto com um cartum da própria personagem citada se apresentando onde diz ter “tempo sobrando para impedir as mulheres de tocarem as próprias genitálias”, mostram um contraste entre os termos “próprias genitálias”, e o fato de Kellogg despender grande dedicação sobre um tema que, em teoria, é tão íntimo para cada pessoa – ou para as mulheres. A personagem apresentada em cartum também parece orgulhosa de seus estudos, e além disso, termos como “impedir”, “tocassem” e “entusiasmo”, bem como o nome de Kellogg, ganham espaço em caixa alta. As duas primeiras palavras – “impedir” e “tocassem” – contrastando, uma vez que o toque tende a ser visto como algo simples e inofensivo, especialmente quando se fala do próprio corpo, e o impedimento tende a ser algo que busca barrar determinada ação por enxergá-la como negativa. Além disso, o destaque ao entusiasmo de Kellogg é um fator importante, uma vez que o assunto é totalmente alheio ao corpo masculino, mas ainda assim lhe despertava grande interesse.

Figura 16 - Passagem sobre John Harvey Kellogg no primeiro capítulo da HQ



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 8

Em sequência, a narradora continua suas considerações sobre Kellogg citando os comerciais feitos atualmente para a marca de cereais inventada pelo médico, que também possuem um viés complexo no que diz respeito à representação do feminino, embora não necessariamente possuam conexão direta com os ideais de Kellogg. A ironia está no fato de que ideias como as do médico auxiliaram na construção de uma figura feminina como a representada nos comerciais do produto inventado pelo mesmo. Além disso, no quadro em sequência, a autora utiliza o termo “adorar” próximo a um ato negativo “derramar ácido corrosivo no clitóris das mulheres”, deixando ao leitor que observe a ironia da situação.

Figura 17 - Sequência da passagem sobre John Harvey Kellogg



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 9

A inserção da ironia verbal em conjunto com a ironia situacional, auxilia em uma construção de um espaço de rasura muito mais aprofundado, uma vez que uma complementa a outra, tirando o melhor do recurso irônico para uma construção textual fortalecida. Camila Alvarce sinaliza em seu livro *A Ironia e Suas Refrações* que, de qualquer maneira, se faz necessário fazer uso de recursos verbais para que se ressalte a característica irônica da situação apresentada.

Se a intenção é “transcrever” uma situação irônica, a apresentação implicará habilidades verbais semelhantes. Em outras palavras, o fato irônico observado será escrito de maneira que as contradições sejam ressaltadas, o que justifica designar por ironia verbal a apresentação verbal da ironia situacional. (ALAVARCE, 2009, p.27)

Para identificar a proveniência da ironia ao longo da HQ, é importante se atentar aos contrastes apresentados. Quando se considera o contraste entre aparência e realidade, encontra-se um fortalecimento da ironia na HQ. Um exemplo claro onde a narradora não precisa se esforçar para criar uma estrutura verbal elaborada, é quando se exhibe um discurso de personagens em meio a uma situação que claramente gera malefícios às mulheres, usufruindo de falas que tentam elaborar motivações bondosas para tal atitude. Assim, se gera uma tensão entre o que se tenta apresentar como realidade, e o que ela realmente é.

Ao levar em consideração também, o período temporal, o sentido da ironia acaba por se expandir e se representar de formas diferentes em cada marco de tempo. Ao citar produções literárias e científicas de séculos passados, a HQ se mune de um grande tremor entre o que se

sabe hoje e o que levou a construir os pensamentos de outrora. Assim, a ironia que se constitui agora partindo de discursos anteriores nem sempre foi vista como tal, afinal, um pensamento ou atitude proveniente do século XVII possui uma conotação totalmente diferente da do século XXI, o que faz toda a diferença no entendimento do jogo irônico.

Encontra-se, então, mais uma maneira de enxergar “A Origem do Mundo” como um trabalho híbrido, desta vez, não apenas entre escrita e imagem, mas também no papel do autor e do leitor, que tal qual figura e texto, se fundem dentro da obra. Cabe ao leitor, se posicionar como um decodificador diante de um estilhaço de sentidos, sendo obrigado a colaborar com a construção do mesmo para não ficar apenas diante do vazio. Sem o desempenho desse papel, não há ironia. Enquanto isso, o autor incorpora em sua escrita traços que abram o caminho dos sentidos para sua leitura, e então possibilitam uma redescrição por meio da interpretação do leitor. Dessa forma, é possível transformar os sentidos e chegar a um destino que leve a novas formas de dizer e enxergar.

2.1 Rorty e as Formas de Dizer Solidárias

Segundo Bakhtin, a língua vive e evolui historicamente. Seguindo esse viés, aquilo que dizemos é um reflexo de quem o diz e da sociedade em que se está inserido. A sociedade, de modo geral, possui seus próprios debates, que se alternam ao longo do tempo e que, de certa forma questionam comportamentos anteriores e “verdades” previamente estabelecidas. Ao se contestar e buscar por novas respostas para determinadas perguntas recorrentes é que se torna possível chegar a diferentes conclusões, e entender o mundo ao nosso redor.

No final do século XVIII, por exemplo, a religião começou a perder poder frente à ciência, o que gerou mudanças drásticas na forma como a sociedade visualizava determinadas coisas, mas especialmente no que se dizia sobre elas. A necessidade de modificar discursos se colocou como item crucial na manutenção de determinados valores, ou mesmo como forma de fazê-los cair por terra. Um exemplo mais atual, seria uma observação de como a polarização política modificou os discursos no Brasil, especialmente posteriormente às manifestações de 2013, alguns termos ganharam força, outros modificaram seu significado, outros não são mais tão frequentes. Isso é prova de que aquilo que reproduzimos em nossos discursos reflete a sociedade ao nosso redor, e de que a língua acompanha esse reflexo.

Em “A Origem do Mundo”, Strömquist se aproveita dessa mobilidade linguística para demonstrar como os discursos machistas se mantiveram em pé ainda que a sociedade tenha, ao longo dos séculos, passado por diversas mudanças consideráveis ou mesmo abraçado novas “verdades”. Para que um grupo se mantivesse como desprivilegiado em detrimento de outro, o discurso foi adaptado, porém, apesar das tantas voltas, não parece ter saído do lugar.

Em “Os filhos do barro” (1970), no capítulo intitulado “A tradição da ruptura”, Octavio Paz faz uma reflexão importante sobre o movimento de quebra e de rasura inaugurado pelos românticos na segunda metade do século XVIII. Entendemos que o texto de Strömquist, além de dialogar com o estudo de Paz em torno do conceito de ruptura, possibilita a revisitação e a ampliação do entendimento desse conceito, tendo em vista um olhar bastante contemporâneo. Na reflexão proposta por Paz, o motivo de trazer como nomenclatura a junção de dois termos tão contrastantes, é justamente uma forma de marcar a contradição existente na legitimação de novas ideias através da junção com o velho, que tenta se negar por diversas vezes. Assim, Paz coloca a literatura e a sociedade em um espaço cíclico, que transita de uma tradição para uma então nova tradição, e cada uma delas é marcada por um momento de ruptura, que não necessariamente finaliza o ciclo, mas dá sequência ao mesmo – ainda que pelo “avesso”.

Mesmo se aceitarmos que a negação da tradição poderia afinal, com a repetição do ato por gerações de iconoclastas, constituir uma tradição, como chegaria a sê-lo de fato sem negar a si mesma, isto é, sem afirmar em determinado momento não a interrupção, mas a continuidade? A tradição da ruptura não implica só a tradição da negação, mas também a negação da ruptura [...] Se o tradicional é por excelência o antigo, como o moderno pode ser tradicional? Se tradição significa continuidade do passado no presente, como se pode falar de uma tradição sem passado e que consiste na exaltação daquilo que o nega: a pura atualidade? (PAZ, 1970, p.15)

De acordo com Paz, no anseio pelo rompimento do tradicional, acaba-se gerando rupturas cíclicas que nada mais são do que pura tradição, que mesmo buscando contestar as ideias do passado acabam agindo em prol da exaltação do presente, tal qual se fez outrora. No trecho abaixo, Strömquist ilustra uma adaptação do discurso que sustenta a ideia de que a mulher não poderia ter poder dentro da sociedade. Nele, se modifica o modo como se diz, porém, se comunica o mesmo, justamente porque era importante estar a par das mudanças filosóficas da época, porém, não era interessante modificar as relações de poder para quem o detinha.

Figura 18 - Adaptação do discurso religioso para o discurso científico



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 67

Nesse trecho, é possível identificar uma ironia refinada utilizada pela autora de forma a colocar em cheque várias questões. O uso de caixa alta em termos minuciosamente selecionados, destaca justamente o caráter opositor e incoerente das terminologias utilizadas. Quando se diz que a sociedade estava passando por mudanças “ENORMES”, e se mantém o discurso de que a mulher não poderia ter qualquer poder, em um primeiro momento, por conta da vontade de “DEUS”, e num segundo momento, por conta da existência de um “ÚTERO” através do discurso “CIENTÍFICO”, a autora sugere, ironicamente, a seguinte indagação: para quem as coisas estão “TOTALMENTE DIFERENTES”? Ou seja, é curioso perceber neste trecho que, nesse jogo irônico, Strömquist acaba por sinalizar que o que é dito como “totalmente diferente” se relaciona ao que é colocado aos gêneros em si e não às regras impostas às mulheres, afinal, as condições sobre o feminino seguem as mesmas, ainda que as justificativas não se alterem, enquanto isso, seja diante de religião ou ciência predominantes, aos homens continuam cabendo os privilégios da masculinidade, que aí sim, são totalmente diferentes do que é colocado para quem é mulher.

Assim, Strömquist esvazia, por meio da ironia, verdades absolutas, pois mostra que, mesmo com a justificativa vindo de dois centros de verdade diferentes, o fim termina sendo igual e não representa verdadeiramente mudança alguma. Essa proposta de leitura nos leva à reflexão de Paz e ao paradoxo proposto por ele em torno do conceito de ruptura. Nesse sentido, uma tradição científica toma o lugar de outra tradição - a religiosa - no entanto, algo fundamental se mantém, lamentavelmente: o lugar de vulnerabilidade da mulher em relação a

esses centros de ordenação do mundo. Fica para uma reflexão futura isso que apenas sinalizamos aqui: pensar sobre uma possível revisão do conceito de ruptura a partir da HQ de Strömquist.

Seligmann denomina a ironia como uma “potente máquina de desleitura” que, através do jogo entre o verdadeiro e o falso, esse jogo da brincadeira e do não-lugar, carrega o leitor para uma fábrica de novas metáforas que não se justificam, apenas latejam em sua inexistência carregada de algo para dizer - enfatizando, sempre, várias possibilidades de leitura, exatamente como notamos em muitas passagens da HQ de Strömquist.

A ironia é uma potente máquina de desleitura: o leitor nunca sabe como se comportar diante dela; se deve tentar separar o verdadeiro do falso, o sério da brincadeira, e se o que ele toma por sério não é, no final das contas, justamente uma armadilha montada pelo autor da ironia. A leitura do texto irônico é, portanto, vertiginosa, porque a todo momento o chão sobre o qual se trilha começa a ruir. Pulando de um ponto a outro, o leitor acaba muitas vezes por simplesmente se abandonar ao ritmo da ironia: ele salta no precipício do não-sentido. Ao terminar a leitura, ele parece estar com as mãos vazias; na verdade, ele leva apenas a certeza de que o único sentido da ironia é justamente a inexistência de algo como o “sentido”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 371-2)

No caso da citação de Seligmann, nos deparamos com um “esvaziamento” de sentido através do mecanismo irônico dentro do texto, não com o objetivo de nada dizer, mas sim com o objetivo de expandir as possibilidades e transportar o leitor para um ambiente que possa transitar entre uma diversidade maior de interpretações, sem necessariamente respostas “corretas” entre elas. O que conversa com a visão de Richard Rorty: nossa prisão em verdades absolutas que nos impossibilitam de expandir nossos discursos de forma democrática. Dessa maneira, aquilo que dizemos por diversas vezes é excludente, ou pior, cruel com determinados grupos que não se sentem representados pelas crenças de nossa sociedade. Para discutir esse tema, Rorty trata da figura do ironista:

Uso “ironista” para designar o tipo de pessoa que enfrenta a contingência de convicções e seus desejos mais centrais - alguém suficientemente historicista e nominalista para abandonar a ideia de que essas convicções, esses desejos centrais, remontam a algo fora do alcance do tempo e do acaso. Os ironistas liberais são pessoas que incluem entre esses desejos, impossíveis de fundamentar, sua própria esperança de que o sofrimento diminua, de que a humilhação dos seres humanos por outros seres humanos possa cessar. (RORTY, 2007, p.18)

Seguindo este pensamento, Strömquist faz, em “A Origem do Mundo”, o papel de ironista, refletindo sobre a história que leva às convicções em torno do feminino, e buscando uma resignificação das mesmas - uma rasura, uma ruptura - para que os discursos que partem dessas crenças não gerem mais feridas e humilhações às mulheres. Em outras palavras, a escritora visa, por meio da ironia, aumentar as possibilidades de leitura de “acontecimentos” ou de “lugares sociais” específicos, em busca de uma linguagem mais “plena”, menos engessada, mais acolhedora da diversidade. Em entrevista da autora para a Cia dos Quadrinhos, Strömquist reflete sobre esse papel. Ela conta que um de seus objetivos era trazer reflexões sobre os tabus gerados em torno da mulher, especialmente de seu corpo, e assim, diminuir o sofrimento que esse tipo de concepção causa.

Rorty acredita que a solidariedade começa, portanto, a partir de uma linguagem mais acolhedora, mais ampla, mais aberta às diferentes possibilidades discursivas; a ironia é, para esse filósofo, um caminho possível, nesse sentido e, por essa razão, a teorização mais importante em torno desse conceito vem dos românticos, ao final do século XVIII. Assim, criamos um “aumento de nossa sensibilização aos detalhes particulares da dor e da humilhação de outros tipos não familiares de pessoas”; por esse motivo, o caminho escolhido por Strömquist para desempenhar esse papel é inteligente. Como já citado no primeiro capítulo deste trabalho, os quadrinhos chegaram a ser desconsiderados como cultura justamente por sua característica de gerar identificação e ser produzido e distribuído em massa, portanto, a escolha do meio é também uma forma plausível de tentar chegar ao maior número de pessoas possível e levar esse pensamento de forma compreensível a todos os públicos.

Além de defender a narrativa literária como o melhor meio para fazer com que os seres humanos enxerguem uns aos outros como “um de nós”, Rorty também defende que exista uma mudança em nossa visão da existência de um só vocabulário, e que então se faça possível multiplicar os vocabulários no que ele chama de “meta vocabulário”, ou a consideração da “contingência da linguagem”. Para isso, é importante que se expanda o conceito de liberdade, e se diminua o conceito de verdade - a partir da linguagem.

Figura 19 - Diálogo entre homens sobre a menstruação



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 110

Na passagem acima, Strömquist cria um diálogo entre dois sacerdotes definindo o que se teria como verdade sobre a menstruação. Nesse trecho ela demarca o momento em que a menstruação deixa de ser considerada sagrada para então se tornar justamente o oposto disso, e coloca na fala do sacerdote que essa visão se dá justamente pelo fato do homem não menstruar e então não ser necessário criar um conceito positivo sobre a menstruação. É um claro exemplo de como quando nos fechamos para a existência do outro ou nos apegamos ao metafísico, acabam sendo constituídos discursos que apenas favorecem a uma parte das pessoas e em consequência disso prejudicam determinado grupo.

Strömquist busca contestar a construção de verdade da sociedade em torno de tudo o que envolve a mulher, seu corpo e seu lugar na sociedade. Ela o faz justamente por compreender que não existe uma verdade absoluta e natural já intrínseca aos seres humanos - na linha de reflexão de Rorty - mas sim uma constituição humana partindo de sua

interpretação do mundo ao seu redor. No excerto da HQ dedicado à TPM, ela deixa claro que o que veio à luz sobre esse período da vida da mulher é tudo o que se pode ter de negativo sobre o mesmo, e propõe uma comparação com a melancolia masculina no século XIX.

Figura 20 - Passagem sobre a TPM 1



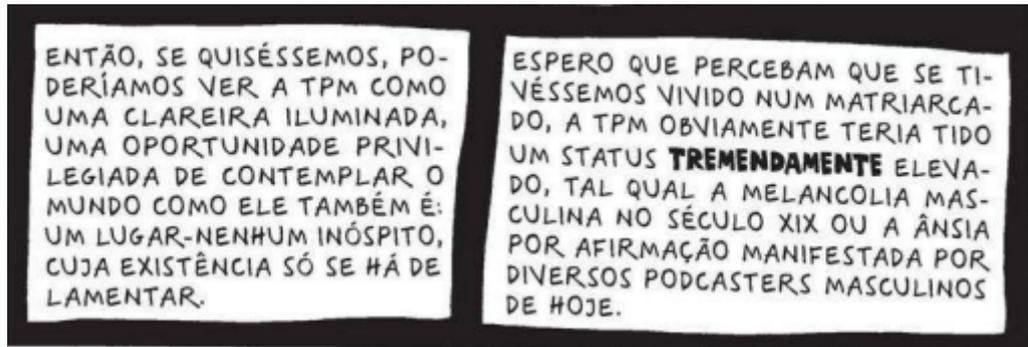
Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 119

Figura 21 - Passagem sobre a TPM 2



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 120

Figura 22 - Passagem sobre a TPM 3



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 120

No trecho, a autora sinaliza o fato de que a narrativa em torno da TPM é conduzida de forma tão negativa justamente porque vivemos em um patriarcado, portanto, a verdade constituída visa privilegiar a classe dominante dessa sociedade. Se esse vocabulário apenas existisse à espera de ser descoberto e então devesse ser tratado como um Deus absoluto, por que teríamos então tantos outros discursos silenciados que falam o oposto sobre o mesmo tema? Nós construímos nossas próprias descrições de mundo, e conseqüentemente elas traduzem aquilo que somos enquanto seres humanos.

A verdade não pode estar dada - não pode existir independentemente da mente humana - porque as frases não podem existir dessa maneira, ou estar aí. O mundo existe, mas não as descrições do mundo. Só as descrições do mundo podem ser verdadeiras ou falsas. O mundo em si - sem auxílio das atividades descritivas dos seres humanos - não pode sê-lo. (RORTY, 2007, p.28)

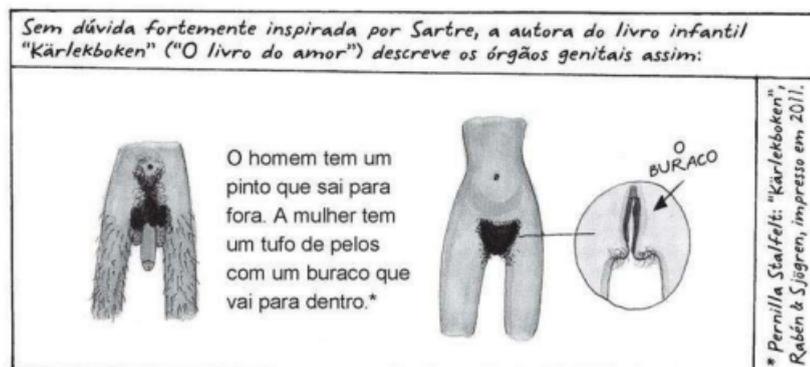
Dentre tantas pessoas a serem representadas pela língua, crer que apenas uma verdade basta seria o mesmo que dizer que há um único modo de ser e existir nesse mundo, o que faria da vida uma grande mesmice zerada de possibilidades. Uma esteira de fábrica com modelos idênticos que não conseguem abandonar as suas planuras. Portanto, a reflexão sobre a linguagem não é apenas necessária para modificar a forma de se expressar, mas como forma de possibilitar caminhos múltiplos para seres que também o são, e que por muito tempo foram descritos empobrecidamente porque nunca lhes foi possível dialogar de forma representativa.

2.2. Expandindo o Olhar e Ampliando Significados

A proposta de Rorty é que se crie um “terceiro e novo vocabulário”, que ganha esse nome por ter como característica principal seu viés revolucionário perante tudo o que já se viu em termos de vocabulário. Ele consiste em desestruturar o vocabulário “original”, e não permitir uma junção entre ele e outros vocabulários.

O desafio está em fazer com que o mesmo se expanda a ponto de ficar claro que não há apenas um olhar mirando para o universo e então descrevendo o que lhe parece, mas sim que diversas óticas são cabíveis para a criação de inúmeras descrições. Para chegar ao que Rorty chama de parte de sua utopia, que seria a conquista desse “terceiro vocabulário”, é necessário que se inicie com uma provocação, que se busque produzir efeitos no leitor.

Figura 23 - Explicação de livro de biologia sobre as genitálias masculina e feminina



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 37

Figura 24 - Explicação de livro de biologia sobre órgãos genitais durante sexo heterossexual



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 37

Em “A Origem do Mundo”, Strömquist propõe essas provocações através de diversas ferramentas, seja com figuras, como no caso do exemplo acima, onde de certa forma ridiculariza como a vulva é retratada nos livros de escola, seja através da linguagem, onde prefere, ao invés de criar um vocabulário à sua imagem, colocar em debate o vocabulário atual e o que há por trás dele.

Rorty tenta afastar a ideia de que a linguagem possui um fim ou mesmo que seja ela um meio, tentando trazer para perto a história da metáfora, que faz de nós menos dependentes de uma adaptação aos “desejos de Deus ou da natureza”. Assim, Rorty se posiciona ao lado daqueles que trabalham a escrita e, através dela, a comunicação, para contrastar universalidades por meio de um olhar cultural e político, que contesta o tradicional, na escrita, e busca retirar o essencialismo de jogo.

Para a maioria dos intelectuais contemporâneos, as questões dos fins em oposição aos meios - a respeito de como alguém pode dar sentido a sua vida ou à vida de sua comunidade - são questões para a arte ou a política, ou ambas, e não para a religião, a filosofia ou a ciência. Esse desdobramento levou a uma cisão no interior da filosofia. Alguns filósofos mantiveram-se fiéis ao Iluminismo e continuaram a se identificar com a causa da ciência. Eles vêem a antiga luta entre a ciência e a religião, a razão e a irracionalidade, como um processo ainda em andamento que agora assumiu a forma de uma luta entre a razão e todas as forças intraculturais que pensam na verdade como algo construído e não encontrado. (RORTY, 2007, p. 25-26)

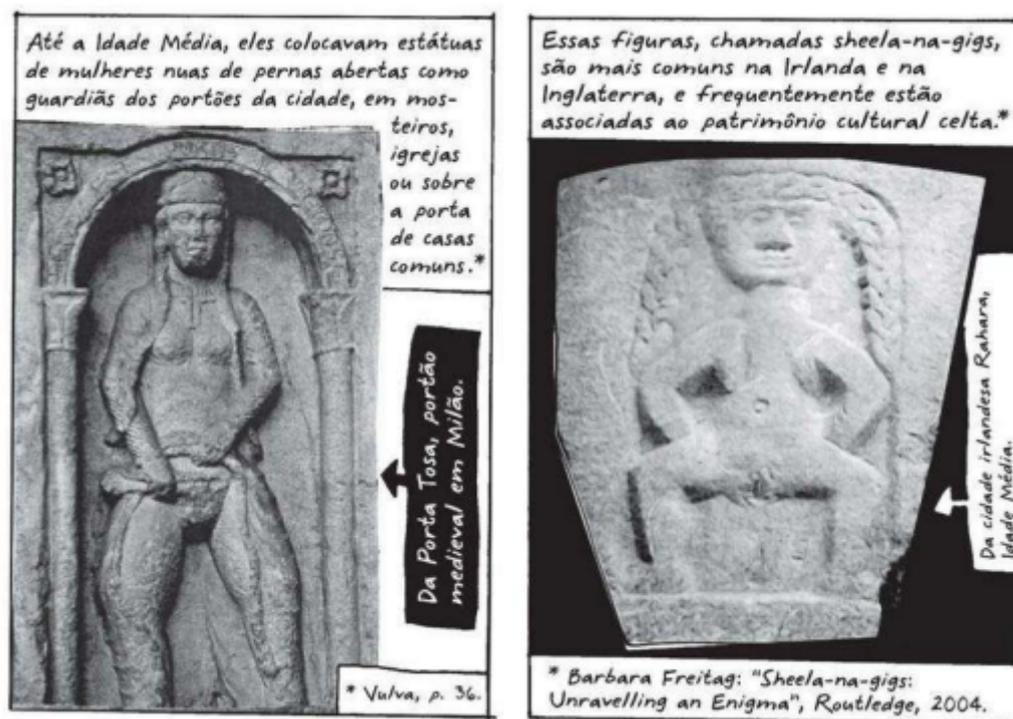
Portanto, em um jogo de linguagem com a metáfora, a necessidade de um sentido ou de um ajuste a uma única verdade se esvai. A partir dessa visão, deixa de ser necessário se explicar ou traduzir o seu sentido, uma vez que não há um único sentido encontrado para determinada questão, e se amplia a possibilidade de construir um olhar amplo sobre cada assunto, pois a metáfora é uma inserção que deve muito mais ser sentida que explicitamente justificada. Diferentemente do que estamos habituados, a metáfora é criação ou recriação e não mera repetição. Ela é “a pulga atrás da orelha” que gera incômodo, que move as placas tectônicas do sentido.

Em sua passagem sobre a história de Deméter, a deusa da fertilidade e colheita, a HQ cita a aparição de Baubo, deusa da Anatólia, que fez Deméter voltar a sorrir e se alimentar após erguer suas vestes e mostrar-lhe a genitália. O ato que hoje nos parece tão complexo de se compreender simbolizava força e trazia humor através do feminino, algo bastante distinto

do olhar contemporâneo. Não era preciso explicar o motivo desse costume simbolizar algo tão positivo.

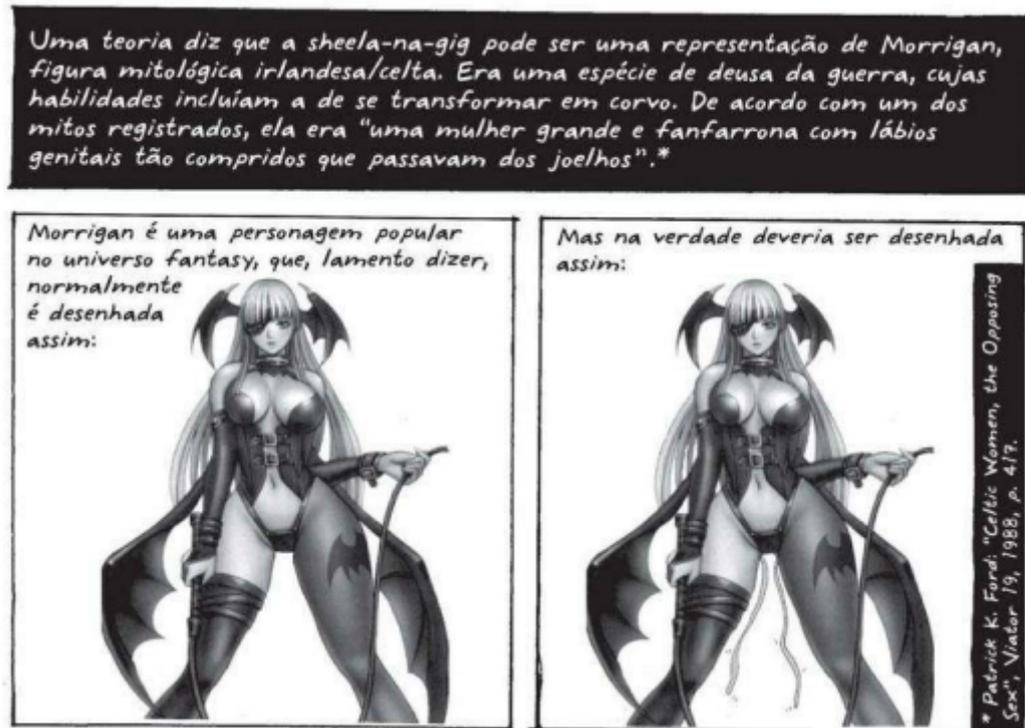
Rorty chama de metáfora morta aquilo que para de soar como uma metáfora e então se transforma em verdade ou farsa. A representatividade do ato de Baubo, que não precisa se explicar, mas carrega um significado na sociedade, é um exemplo claro de uma metáfora ainda funcional, ela diz muito e não necessariamente se traduz com facilidade, porém, é carregada de sentido, até que ao longo do tempo caiu em desuso, parou de simbolizar algo e foi engolida pela predominância do masculino, que colocou a vulva em um lugar negativado e escondido da sociedade.

Figura 25 - Explicação sobre a existência de figuras denominadas “Sheela-na-gig”, que eram mulheres expondo suas vulvas.



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 48

Figura 26 - A figura de Sheela-na-gig no universo fantasy atual



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 49

A imagem acima é uma representação do que restou das Sheela-na-gig atualmente, e ela ambienta bem a visão sobre o feminino e como sua figura é explorada, especialmente falando de um universo extremamente machista quanto o geek. A autora deixa uma metáfora que poderia passar despercebida, quase um “easter egg” no quadrinho, ao representar duplamente a figura de Sheela-na-gig, sendo a segunda versão a que poderia ser realmente o desenho original se nos basearmos na descrição acima.

Se vemos na descrição de Sheela-na-gig “uma mulher grande e fanfarrona com lábios genitais tão compridos que passavam do joelho”, e nela nenhuma sexualização é imposta, por que o imaginário sempre transporta representações femininas para um espaço de sexualização? A dificuldade da mulher em ser verdadeiramente representada pela sociedade transita entre os mais diversos caminhos. Dos livros de biologia escolares aos desenhos do universo fantasy, das propagandas de absorvente ao universo científico, assim como o desenho de Sheela-na-gig, ser mulher é ficar à mercê do que imaginam que se deveria ser.

Figura 27 - Explicação de livro de biologia sobre as genitálias masculina e feminina

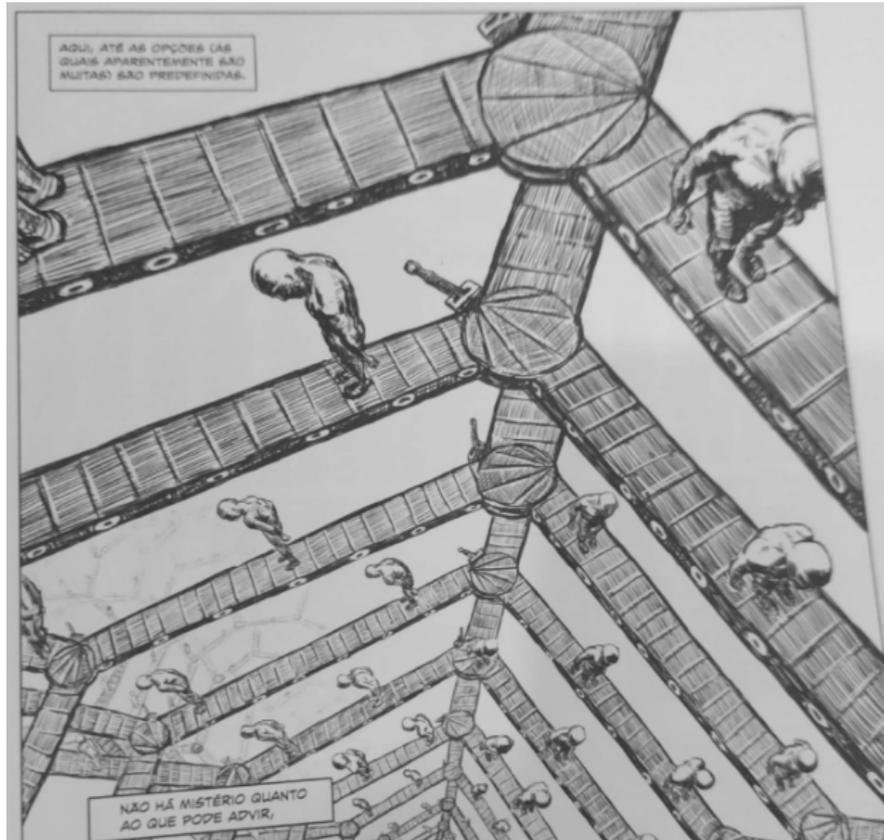


Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 37

Strömquist faz o que Rorty chama de “esbofetear o rosto do interlocutor” ao deixar uma metáfora no ar e sair sem se explicar. O cordão que passa os joelhos de Sheela-na-gig mantendo-na na mesma imagem é uma descrição pura de como o masculino interpreta o feminino, e por esse motivo, graças a toda a temática trazida e explicada anteriormente, é por si só algo que merece ser ironizado.

Para Rorty, se perdermos a “consciência pré-linguística” à qual a linguagem precisa se adaptar, ou seja, se deixarmos de nos basear em essencialismos e universalismos onde toda a nossa comunicação é pautada, podemos então passar a “tratar o acaso como digno de determinar nosso destino”, deixando de cultuar pensamentos, pessoas e religiões, deixando que o tempo aja em prol de nossa existência. Assim, como diria Sousanis em “Desaplanar”, poderíamos ver o mundo hiper-real por trás das planuras, que por diversas vezes encobrem um novo jeito de dizer ou uma nova forma de visualizar algo que ainda está sufocado em nossa linguagem.

Figura 28 - Linha de produção de planuras



Fonte: SOUSANIS, 2017, p.7

Figura 29 - Planuras



Fonte: SOUSANIS, 2017, p.7

Em “Desaplanar”, a passagem acima mostra um universo com infinitas possibilidades que é dominado por um único viés. As personagens com cabeças baixas em uma esteira, são produto de uma sociedade que não olha ao seu redor e não amplifica sua visão. Assim, as formas de enxergar se tornam únicas, planas e previsíveis, não representativas na vastidão ao

redor. A HQ de Strömquist mostra maneiras de olhar para o mesmo e enxergar o novo, uma nova forma de visualizar o corpo feminino, um novo olhar para a menstruação, uma nova visão quanto ao orgasmo feminino, e tão importante quanto, uma nova abertura para se contestar a mesmice que manteve - e insiste em ainda manter - o feminino enclausurado em definições padronizadas em uma só dimensão.

Sendo assim, é possível notar uma convergência entre a teoria de Rorty, que busca para essa nova construção da linguagem uma tela em branco, o olhar de Sousanis, que expande possibilidades e tira das planuras as possibilidades a serem enxergadas, e a narrativa de Strömquist em “A Origem do Mundo”, que balança as estruturas patriarcais e tira o feminino de um lugar comum.

2.3. A representação encenada: desaplanando o olhar por uma linguagem-outra

A preocupação com o modo como será transmitida a “mensagem” é algo que marca a HQ analisada, como um todo. A autora se coloca em contato com o leitor através da representação da narradora e, ainda, do momento da enunciação, gerando uma brincadeira ao longo do texto, por meio da ironia, e enfatizando a função estética da literatura. Assim, conseguimos identificar o mecanismo da ironia tomando conta de diversos espaços ao longo de sua construção, e entendemos a ironia funcionando tal qual a poesia, onde o “como” ganha destaque na produção da autora.

Figura 30 - A narradora



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 25

Essa narradora sem nome, mas que se faz presente desde a primeira página da HQ e assume a voz também dos quadrinhos em que não está representada de maneira visual, age quase como uma “apresentadora de TV” ao longo da narrativa. Ela tece comentários, seleciona os caminhos para os quais quer levar o expectador e dialoga com ele através de suas expressões, como é possível notar no quadro acima, onde sorrindo, ela apresenta o primeiro colocado para um título que ela mesma já deixou claro que não tem nada de positivo. Essa narradora, não necessariamente é uma mulher específica, nem ao menos a própria autora, porém, ela se torna uma exemplificação clara de que desde a escolha do formato da obra, Strömquist já buscava por uma ampliação de possibilidades de dizer.

Levando em consideração a representação da narradora dentro da HQ, é possível perceber que ela se faz uma fonte de recursos em busca da redescritção e do novo olhar sobre o que é apresentado, propondo um diálogo – marca também da ironia, na medida em que sempre teremos, com a ironia, pelo menos duas perspectivas de leitura dialogando. Ao adotar um papel de fingimento, que a faz aparentar neutralidade ao longo da narrativa, a narradora consegue ser convidativa e coloca à luz, para o leitor, elementos da narração que são chave para abrir as discussões que tanto busca.

No meio do capítulo 1, a narradora se empolga de maneira "revoltada" ao seguir falando sobre o assunto do sistema binário e, uma outra personagem, que parece ser da “produção” a interrompe para que ela siga com sua apresentação ou se “acalme”, como é possível visualizar a seguir:

Figura 31 - Monólogo da narradora no capítulo 1



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 16

Figura 32 - Segunda parte do monólogo da narradora do capítulo 1



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p. 17

Esse jogo com o leitor, que brinca e humaniza a situação da HQ, engana ao colocar em suspensão a real intenção do texto. Será que um “erro de gravação” ou “descontrole da apresentadora” precisaria aparecer em um texto como a HQ? A intencionalidade do texto maquiada instiga o leitor para uma interpretação mais ampla da temática e desconcerta, de certa maneira, pois coloca em cheque um sistema tão presente na sociedade e por muitos “intocável”. Essa personagem da “produção” da HQ faz uma alusão a esse sistema “intocável” e a dificuldade em tecer críticas sobre ele. Enquanto isso, o leitor sente – diante

dessa brincadeira com a suposta encenação do momento de enunciação – como se quase pudesse “capturar aquele momento”, como se estivesse acontecendo ali e durante o “agora”, fazendo dele parte da obra – o que marca um diálogo com o conceito de ironia romântica, não objeto do presente estudo, mas talvez de pesquisas futuras.

Pensando nisso, as imagens dentro da HQ também possuem um papel importante nesse sentimento de “captura do momento”. O modo como absorvemos os elementos visuais ao nosso redor é, assim como as palavras, refém de padronizações provenientes de pontos de vista e linhas de raciocínio fixados na sociedade. Ao pensar na definição de Eisner sobre os quadrinhos e nas incansáveis buscas de McCloud para encontrar uma terminologia que englobasse a produção dos mesmos, soaria pobre dizer que é possível analisá-los apenas observando seu texto e as imagens que o complementam, como se hierarquicamente, a figura representasse menos do que a escrita, ao invés de os dois serem juntos parte de um todo.

Tudo aquilo que é inerente aos seres humanos tende a passar por um “filtro” que insere cada coisa em seu “lugar”. Há uma tendência na criação de cercas que castram a amplificação do olhar para além do que se pode ver e colocam tudo aquilo o que é sabido em uma caixa, e tudo aquilo o que de alguma forma pode não o ser, é então padronizado para caber em um espaço comum. Este comportamento resulta em um olhar plano e regulamentado sobre o que vemos e interagimos de alguma forma, e nos limita por diversas vezes a enxergar que “a planura não é literal, ela encobre sua natureza sob uma fachada hiper-real” (SOUSANIS, 2017).

Em sua tese escrita nos moldes de uma história em quadrinhos, Nick Sousanis propõe um olhar que desaplana nossa visão e busca novas perspectivas. Através dele, é possível chegar a uma forma múltipla de enxergar, que auxilia na produção de novos sentidos e na interpretação de outros modos de dizer.

Ao restringir nossa vista a uma pequena gama de todo o espectro, elas matizam a percepção, levando-nos a confundir a realidade com a vista que temos a partir delas. A dependência de um único ponto de vista não esclarece todo o panorama. Um ponto de vista fixo, uma única linha de raciocínio... Pode ser uma armadilha - onde só encontramos o que procuramos, cegos a outras possibilidades. (SOUSANIS, 2017, p.36)

Sousanis conta que, em sua infância, tinha muita curiosidade sobre o que a porta do sótão de sua casa guardava graças ao fato dela nunca ser aberta, e das histórias que seu irmão lhe contava que o instigavam com incríveis possibilidades. Partindo desse desconhecido, ele

criou um personagem de quadrinhos chamado *Capitão Armário*, cujo super poder consistia em conseguir atravessar qualquer porta. Para Sousanis, sua impossibilidade de passar por aquela porta do sótão o transportou para lugares além do esperado graças a sua imaginação, e é a partir dela que acredita ser possível interpretar os quadrinhos para além de suas planuras.

É comum que as pessoas se apeguem a ideias e as guardem como absolutos tesouros em suas vidas. Tesouros que devem ser protegidos e defendidos com unhas e dentes. Por diversas vezes, a possibilidade de lapidar esses preciosos tesouros não é considerada. Questionar não é uma opção. Por esse motivo, a fixação por pedras brutas que dizem apenas o que se é condicionado a acreditar, faz com que uma figura seja apenas a representação daquilo ao que se assemelha, palavras digam apenas aquilo que parecem querer dizer, e o mundo e todas as coisas nele contidas, sejam planos.

Quando a Terra é representada de forma plana em mapas, por exemplo, muitas conexões são perdidas, distorções sofridas e informações se confundem em comparação a sua representação originalmente esférica. Os termômetros, apesar de ferramentas de grande importância, demonstram apenas parcialmente qual o clima atual ou qual a temperatura de um corpo. Dizer pouco pode ser o bastante dependendo de quem escuta. Nenhuma linguagem é totalmente completa e perfeita, sempre há espaço para o complemento, e não necessariamente o mesmo se fará suficiente, pois cada forma de dizer pode não necessariamente contemplar o todo e as múltiplas possibilidades do mundo ao seu redor.

Como vimos, o filósofo Richard Rorty, sugere em seu estudo que haja um esforço em prol da redescrição da linguagem, fazendo dela mais democrática e utilizando novas ferramentas em busca de um terceiro vocabulário, vocabulário esse que não apenas trabalhe com a imitação, produzindo mais do mesmo e mais para os mesmos, mas sim que se permita representar de forma mais ampla.

Os quadrinhos são uma arte híbrida, que mescla a leitura e a escrita. Um quadro seguido do outro nem sempre requer uma leitura sequencial, mas sim um olhar aguçado para o todo. A forma como se permite que a interpretação seja transportada pela imaginação quando postas perante uma planura, tem a ver com algo muito particular de cada um. “Nossas experiências e interações, a trama social na qual somos tecidos, moldam nossa identidade” (SOUSANIS, 2017). Apesar de cada unicidade, os humanos em geral, são uma espécie centrada em si mesma (MCCLLOUD, 1993) que busca identificação em todos os espaços. Na arte não é diferente.

Os ícones são elementos criados para representar algo. Nos quadrinhos, os principais ícones utilizados são as figuras que se assemelham ao que visam representar: um rosto, um animal, uma bandeira ou um super-herói. O quão semelhante esse ícone será de seu referencial depende de diversos fatores. No que diz respeito a este modelo de ícone corriqueiro nas HQs, é importante lembrar que é possível atribuir diferentes níveis de abstração. Por mais realista que seja uma figura, ainda assim, muitas de suas características intrínsecas fazem com que haja um abismo entre a mesma e seu referencial.

McCloud utiliza o rosto humano como um exemplo de níveis de abstração. Uma figura realista possui clara conexão com seu correspondente real e faz com que o olhar se confunda a ponto de por muitas vezes deixar passar pequenos detalhes que a diferenciam da realidade. Por outro lado, há um condicionamento em enxergar em ícones menos realistas, porém, que mantenham traços principais, uma representatividade similar. Um círculo maior, dois círculos menores em sequência e um traço logo abaixo já são suficientes para fazer com que uma pessoa se sinta representada por um ícone de rosto.

Portanto, tanto o ícone que mais se aproxima da face humana, como uma foto ou uma pintura, quanto o ícone chamado de cartum, possui um alto nível de aceitação. McCloud examina o cartum como uma “amplificação através da simplificação”, pois apesar da necessidade em aumentar os níveis de abstração para aceitar que o cartum seja realmente uma representação do rosto humano, ele consegue um efeito que não é tão simples para o realismo: o envolvimento.

Muitos críticos descrevem o cartum como uma forma simples de contar uma história. A verdade é que, a característica que acaba sendo utilizada como um ponto fraco desse tipo de ícone é também seu grande trunfo, uma vez que simplificar uma personagem pode mudar tudo no que diz respeito ao rumo da relação entre a história e o espectador. O cartum costuma auxiliar que o interlocutor se atente muito mais à mensagem do que ao mensageiro, primeiramente porque o mensageiro pode ser qualquer pessoa, mas especialmente porque justamente por esse motivo, o cartum acaba por permitir que a identificação do interlocutor com ele seja mais universal. Cada pessoa em contato com aquela história possui chances de enxergar no cartum a si mesma.

Uma pessoa pode olhar para o ícone realista e dizer “eu identifico aqui uma pessoa”, porém, ao olhar para o cartum, o eu e o outro se fundem no imaginário, uma vez que o outro não possui face. A relação atual das pessoas com os emojis em redes sociais é bem

representativa desse tipo de conexão realizada pela mente humana. Por diversas vezes, um emoji basta para representar sentimentos ou opiniões, e seu ícone é nada mais, nada menos, que uma simplificação do rosto humano. Por isso as histórias em quadrinhos acabam sendo tão democráticas e palco importante de assuntos complexos.

Esse olhar para com a imagem, muito se assemelha ao que se denomina de função poética da literatura, que retorna na temática da preocupação com o como se constitui uma mensagem. Antônio Candido cita a preocupação estética literária como um elemento que reforça a singularidade da obra, e expandindo essa visão, George Minois aborda a função catártica em “A História do Riso e do Escárnio”, que projeta na literatura um elemento coletivo de identificação, tornando a combinação de elementos imagéticos e literários uma junção de forças em prol de um mesmo resultado, tal qual vemos em “Origem do Mundo” e já sinalizamos no início deste capítulo.

Através da narradora, que é o “como” da ironia desta obra, Strömquist faz o que Antonio Pagliaro (1967) chama de “enigma poético”, exigindo do leitor participação ativa na construção de sentido e irônica da HQ, e entregando novos significados tal qual “exigimos na expressão poética”:

A ironia participa ao mesmo tempo do caráter agonístico do enigma e do jogo poético. Quando o laço entre a expressão verbal e o processo de pensamento que queremos exprimir é tão sutil e diluído que o leitor ou o ouvinte não entendem se quem fala ou escreve o faz a sério ou a brincar, o jogo assume o caráter de enigma: sobre a urdidura das alusões e dos matizes cria-se uma sabedoria discreta que exige inteligência ágil e ouvido apurado. A própria ligeireza do jogo desinteressado desenvolve-se através de imagens e ressonâncias verbais, capazes de exprimir significados novos e polivalentes, exatamente como exigimos na expressão poética. (PAGLIARO, 1967, p. 11-12)

Sendo assim, enxergamos no conjunto da obra, que dispõe de figuras, texto, leitor e narrador representado (e portanto ironia), uma construção refinada de novas formas de dizer mais abrangentes e que se enchem de significado e intencionalidade mesmo durante seu “fingimento”, seu jogo de ser e não ser, sendo provocativa, brincando com o visual e as palavras, para transformar o que se vê em algo ainda não visto.

3. A RUPTURA DA HISTÓRIA TOMADA COMO OFICIAL: UM LUGAR PARA NOVAS METÁFORAS



Fábio Moon e Gabriel Bá

Em seu livro “Um Mundo Inteiro Como um Lugar Estranho”, Nestor Garcia Canclini, assim como Richard Rorty, se apega muito mais a reformular as indagações da sociedade do que a trazer respostas prontas sobre as mesmas:

É incômodo aceitar que aquilo que acreditávamos saber já não tem capacidade explicativa. Se quase tudo se tornou versátil, flexível, é preciso se incumbir da incerteza. E nos aferramos a noções de sociedade, etnia, nação ou classe, que em outras temporadas serviram para encontrar ordem nos comportamentos. Ou para impô-los. (CANCLINI, 2016, p.18)

Refletir sobre a linguagem ou deixar de lado as verdades absolutas as quais nos apegamos não é uma tarefa tão simples. Exige humildade para se compreender, no universo, como parte de um todo muito mais amplo e complexo, mas acima de tudo estar pronto para se descobrir “errado” e se libertar de algumas amarras. Rorty discorre sobre esse processo de autoconhecimento equiparando-o ao processo de “elaborar novas metáforas” e reinventar a linguagem.

Para se colocar nessa posição, mas acima de tudo, posicionar o leitor nesse espaço, Strömquist faz uso de um artifício pós-moderno do pensamento histórico, que Linda Hutcheon descreve como uma forma de “pensar crítica e contextualmente”. Através do olhar

pós-moderno, enfrentar a história é uma forma de desconstruir a herança que a mesma nos deixou. Para Rorty, ao observar a visão nietzschiana, há um grande pavor em voltar o olhar para trás e então se encontrar como um mero reflexo do que já foi.

Ver a própria vida ou a vida da comunidade como uma narrativa dramática é vê-la como um processo de auto-superação nietzschiana. O paradigma dessa narrativa é a vida do gênio capaz de dizer “eu quis assim” sobre a parte relevante do passado, por ter encontrado um modo de descrever esse passado que o próprio passado jamais conheceu e, assim, ter descoberto um eu para ser que seus precursores nunca souberam ser possível. (RORTY, 2007, p.67)

Essa busca pelo novo eu é incômoda, como descreve Canclini, e importante para rasurar o significado do passado, como pontua Hutcheon. Para questionar aquilo que não nos representa, é necessário enfrentar os fantasmas presentes nessas crenças. Strömquist utiliza elementos documentais, sinaliza fontes de pesquisa e insere representações realistas da figura humana, como forma de relembrar os caminhos do passado que nos trouxeram até aqui, e questionar o presente que ainda reflete os mesmos passos.

Figura 33 - A história de Baartman



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p.21

Figura 34 - A história de Baartman pós morte



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p.23

No exemplo acima, vemos como foi relatada a história de Saartjie Baartman, uma mulher que sofreu abusos do Barão Georges Cuvier, e que foi vendida como escrava para o mesmo no século XIX. Baartman era colocada em exposição para o público, e nessa passagem, também aparecem cartoons da época retratando a exposição e fotografias de cartazes do “evento”.

Mesmo após a morte de Baartman aos 26 anos, Cuvier dissecou seu corpo, fez moldes de gesso das partes que mais lhe interessavam e conservou sua vulva e cérebro em álcool, sendo que sobre a primeira foram redigidas 9 páginas em seu laudo da autópsia, enquanto pelo segundo apenas uma linha.

Com isso, Cuvier buscava “comprovar” que pelo tamanho dos pequenos lábios de Baartman, as mulheres negras eram seres inferiores com sinais de “sexualidade animal”. Esse tipo de teoria não apenas machista, como também racista, foi totalmente difundida por anos, e fez parte do racismo científico. Ao discorrer sobre toda essa passagem, não é como se fosse possível chegar ao ponto de partida do problema, que certamente está disperso entre diversos momentos da sociedade, porém, é uma forma de voltar o olhar para o lugar de onde os tantos discursos construídos no decorrer dos anos se fundem e permitem que uma mulher passe pelo que Baartman passou.

Figura 35 - Barão Georges Cuvier



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p.24

O sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses “acontecimentos” passados em “fatos” históricos presentes. Isso não é um “desonesto refúgio para escapar à verdade”, mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos. (HUTCHEON, 1991, p.122)

Ao reinserir a história em seu trabalho, Strömquist pode problematizar o pensamento que se dá partindo da mesma, desestabilizar o leitor, e convencê-lo da necessidade de buscar um novo jeito de dizer que pode dar lugar a uma nova história a ser escrita. Histórias como a de Baartman começam, terminam e germinam metáforas mortas às quais seguiremos repetindo enquanto não forem encaradas.

Umberto Eco diz que não se deve olhar para o passado em busca de sua destruição a fim de não silenciar os erros e acertos ali presentes, mas sim como forma de avaliá-lo, lembrando sempre de fazê-lo “com ironia, e não com inocência” (1983, 67). “A Origem do Mundo” cumpre muito bem esse papel, pois busca nas entrelinhas do passado argumentos para construir uma marca própria.

Outro momento da HQ onde a história se encontra com a narrativa, é quando se relata a história do túmulo da rainha Cristina que foi aberto na Suécia por 3 homens, que então escreveram um memorial de sua exumação. O motivo “oficial” da abertura do túmulo seria o fato de que a rainha tinha características físicas e mentais que não eram consideradas comuns para o feminino e, portanto, suas genitálias deveriam ser analisadas a fim de comprovar sua suposta intersexualidade.

Cristina era uma mulher inteligente, que não tinha interesse em se casar, porém, muito se interessava por temas como filosofia, matemática, astronomia e línguas clássicas. A rainha não tinha grande preocupação com sua aparência, e por isso e os motivos anteriormente citados era vista com traços de psicopatia, entendidos como comuns para indivíduos intersexuais.

Figura 36 - Exumação da rainha Cristina

**DE
QUALQUER
FORMA!!**

Talvez a parte estranha disso NÃO seja que algum professor maluco, defensor da esterilização, escreveu isso nos anos 30, nem que algum escritor/doido popularizou essas teorias algumas décadas mais tarde!!



A COISA ESTRANHA É QUE, NO ANO DE 1965, UM GRUPO DE VELHOTES ANIMADOS FICOU TÃO LOUCAMENTE INSPIRADO POR ESSA HISTÓRIA QUE CONSEGUIU UMA EXUMAÇÃO!

Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p.28

A presença da fotografia retoma o traço histórico do que é exposto, assim, gerando a sensação de veracidade para então rasurar o que representa. O ícone aqui não é apenas da exumação de qualquer mulher, mas deixa claro que é a exumação da rainha Cristina da Suécia, mesmo que você não conheça a história o suficiente para afirmar com certeza que sim.

Com isso, além de todos os recursos utilizados pela autora, e apontados até aqui para trazer rasuras ao longo da HQ a discursos “prontos” da sociedade diante do feminino, existe também um diálogo com o conceito de metaficção historiográfica de Linda Hutcheon. Diante desse olhar, ficção e história rompem seus “manuais” enquanto gêneros distintos e se posicionam interagindo. Não deixando de ser o que são, mas se tornando um terceiro “ser” ou uma terceira possibilidade.

Apesar disso, essa relação entre “redação da história” e “narrativização” é problemática, uma vez que o que há disponível quanto ao que é inerente ao passado também já foi tocado e textualizado, portanto, a barreira entre ficção e realidade se estreita até se tornar praticamente indiscernível.

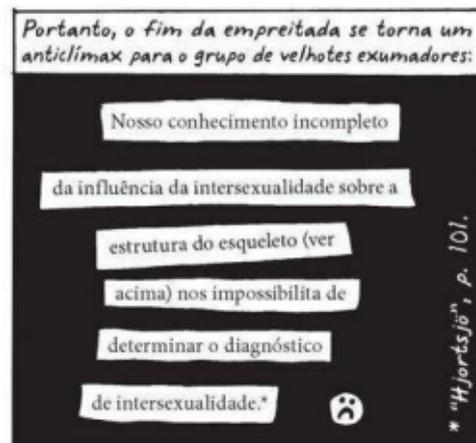
A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade. (HUTCHEON, 1991, p.127)

Hutcheon se apoia sob um olhar que não posiciona a ficção como verdadeira ou falsa e nem a história inserida nela como um ou outro, mas sim como construções coexistentes que acabam influenciadas social e culturalmente. Acima de tudo, a autora também corrobora para uma ideia que já foi fortalecida ao longo deste trabalho através dos estudos de Richard Rorty, de que não existe apenas uma “Verdade”, mas sim, verdades, que podem ser constituídas através de narrativas que se munem da metaficção historiográfica.

A metaficção historiográfica sugere que verdade e falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção, mas não pelas razões que acabaram de ser apresentadas. Romances pós modernos como *O Papagaio de Flaubert*, *Famous Last Words* e *A maggot*, afirmam abertamente que só existem verdades no plural, e jamais uma só Verdade; e raramente existe a falsidade per se, apenas as verdades alheias. A ficção e a história são narrativas que se distinguem por suas estruturas, estruturas que a metaficção historiográfica começa por estabelecer e depois contraria, pressupondo os contratos genéricos da ficção e da história. (HUTCHEON, 1991, p. 146)

Sendo assim, dentre as tantas formas de dialogar com o conceito de metaficção historiográfica, Liv Strömquist abusa das inserções “históricas” dentro da HQ, não modificando seu curso ao longo da ficção, mas buscando reforçar sua sugestão de redescritção ao longo da obra, colocando o elemento historiográfico como um dos motivos para os quais é necessário encontrar novas formas de enxergar a temática.

Figura 37 - Intertextualidade e uso de fontes



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p.29

Outro artifício comum para trazer elementos historiográficos na HQ é o uso de intertextualidade, onde cenas retiradas de outros espaços, falas de entrevistas, matérias ou artigos científicos são inseridas a fim de deixar representar o que está sendo relatado, como pode ser visto na imagem acima. A sinalização de fontes com asteriscos no canto dos quadros são bastantes comuns e retratam um fundo de pesquisa no trabalho de Strömquist.

Na imagem acima, o desfecho da história é menos complicado que o de Baartman, uma vez que apesar de absurda a permissão da exumação de Cristina, a conclusão que se pode chegar sobre sua intersexualidade foi nula, graças ao fato de que seu corpo já tinha mais de 400 anos. Já Baartman, só teve seu corpo de volta à África do Sul em 2002, mesmo com diversas solicitações anteriores a isso.

O contraste dessas duas histórias aparece em sequência na HQ, e como ambas caminham e terminam se deve muito ao fato de que Baartman era uma escrava negra, e Cristina uma rainha branca. Apesar das diferenças gritantes na forma como foram reduzidas a suas genitálias graças a sua classe e cor, são exemplos que tinham em comum apenas o fato de serem mulheres.

Além dessas aplicações na HQ, também existem outros exemplos marcantes que constituem essa busca de Strömquist por um confronto às problemáticas do passado, e acima disso, deixam claro que a história se repete no presente, como na exibição de propagandas de absorventes e cenas de documentários nos exemplos abaixo:

Figura 38 - Colagem de propaganda de absorventes



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p.130

Figura 39 - Documentário da playboy



Fonte: STRÖMQUIST, 2017, p.79

Essa característica que Florencia Garramuño chama de “fertilização cruzada”, acaba caracterizando em diversos momentos a HQ como parte desses elementos e vice-versa. O leitor se vê então confrontado e com suas raízes abaladas, num espaço onde realidade e ficção não se distinguem mais tão fácil e simplesmente - num traçado tipicamente pós-moderno.

É claro que realidade e ficção não são indistintas; veja-se bem: são os textos que, ao se instalarem na tensão de uma indefinição entre realidade e ficção, perfazem uma sorte de intercâmbio entre as potências de uma e outra ordem, fazendo com que o texto apareça como a sombra de uma realidade que não consegue iluminar-se por si mesma. (GARRAMUÑO, 2014, p.22)

Assim, Garramuño coloca o texto como mecanismo que gera certa “confusão” entre a indistinção de realidade e ficção, que de maneira racional, não podem ser o mesmo, porém de maneira literária, acabam se emaranhado entre o “real e o ficcional”. Strömquist coloca em xeque, justamente, partes da história e do conhecimento sobre o feminino que dificilmente se fariam saber. A princípio porque, assim como Hutcheon também pontua, mesmo as formas de se documentar a história são contestáveis. Portanto, esses vestígios documentados da mesma, são o que possibilita que compreendamos o passado, ou determinado momento da história onde uma situação específica se engrandeceu a ponto de se tornar parte do discurso da sociedade.

Assim, e através da disseminação da dúvida perante o que somos ou queremos ser, é possível, embora complexo, que se construam formas de dizer plurais levando em consideração um todo humano e distinto entre si, que não consegue ser simplesmente traduzido nos dicionários do passado, e ainda não se vê representado nas entrelinhas do presente, não enquanto apenas um vocabulário estiver em suas capas, e enquanto as metáforas mortas predominem mais que as que aqui lutam para nascer.

CONCLUSÃO, OU UMA NOVA RUPTURA

Ser mulher sempre me cercou de porquês. Por que não podia ser chamada de forte e inteligente ao invés (ou além) de bonita e delicada? Por que não falar de meu corpo ou expressar meus desejos? Por que não contestar os muros que me sufocavam? Todas essas perguntas foram se fortalecendo até que pude encontrar outras tantas interrogações que fizeram crescer em mim o desejo de levar a dúvida para mais lugares, pois só ela pode romper o hábito.

A HQ de Strömquist é também cheia de porquês, e por esse motivo, coberta de possibilidades que amplificaram minha experiência enquanto leitora e também como mulher. A construção social do sexo possui tantas camadas que quando descobertas rasuram a linha de raciocínio predominante e, por esse motivo, promovem o surgimento de novas perspectivas. Liv Stronqüist faz da linguagem verbal e não verbal um palco para possibilidades que não nos dão quando meninas, e que nos escondem quando mulheres.

Toda mulher carrega consigo uma história que poderia ser narrada em "A Origem do Mundo", o que se esquadrinha aqui é uma tentativa de representação e reconhecimento que entrelace o emaranhado do que é ser mulher entre as tantas formas de sê-lo que não conseguem se resumir em um único conceito.

Com uma diversidade de seres pensantes, qual a justiça em se atentar a um único modo de pensar e descrever? Como se pode garantir a representatividade de um todo quando apenas uma pequena parcela dita a direção? É por isso que a rasura tem um papel fundamental na multiplicação de sentidos e na possibilidade de dizer o feminino em sua completude e não através de uma pequena, rasa e plana percepção.

Strömquist lança mão da ironia e do humor como artifícios para capturar controvérsias nos discursos engessados na sociedade e, por ser mulher e fazê-lo, especialmente através de uma história em quadrinhos, subverte outros conceitos castradores ao feminino.

Apenas através da rasura de metáforas velhas que nunca necessariamente estiveram atualizadas, é que se pode criar um senso de conexão entre os diversos pontos de vista, como um elo que propaga diversidade e continuidade a comunicação. Para tanto, é preciso ser solidário, encarar as potencialidades ao redor, mas também corajoso para assumir o desafio de

estar em constante aprendizado, numa incansável produção de novas metáforas que ampliem as possibilidades de dizer e que ampliem para muitas pessoas mais.

Figura 40 - Cumprimento entre mulheres retratado na HQ



Fonte: STROMQÛIST, 2017, p. 47

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

STRÖMQUIST, Liv. **A Origem do Mundo: uma História da Vagina ou a Vulva vs. o Patriarcado**. 1º ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

SOUSANIS, Nick. **Desaplanar**. São Paulo: Venetta, 2017. **A Ironia e Suas R**

ALAVARCE, Camila da Silva. **A Ironia e Suas Refrações: um Estudo sobre a Dissonância na Paródia e no Riso**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ALAVARCE, Camila da Silva. Ironia e Paródia em Coração, Cabeça e Estômago: Repensando a Literatura Portuguesa do Século XIX. *Revista Polifonia*, v. 20 n°28, jul/dez, 2013, pp 204-230.

NOGUEIRA, Natania A. S. **Um Breve Panorama do Humor nos Quadrinhos Feministas Suecos a Partir da Obra de Nina Hemmingsson, Malin Biller e Liv Stronquist**. *Revista Ártemis*, vol. XXVI n°1, jul-dez, 2018. pp. 104-124.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **Mais do que uma Questão Cultural: o Desprestígio acadêmico das histórias em quadrinhos como consequência do repúdio à cultura em massa**. In: **INTERCOM**, n 41º, 2018, Joinville - SC.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. São Paulo: Martins, 2007.

MINOIS, Georges. **A História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

SILVA, A.V.T.A. **A mulher e o humor: a pedra de Sísifo não cria limo**. Salvador: EDUFBA, 2015.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro**. Rio de Janeiro: Editora Fronteira, 1984.

CANCLINI, Néstor García. **O Mundo Inteiro como Lugar Estranho**. São Paulo: Artmed, 2016.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos Estranhos: Sobre a Inespecificidade na Estética Contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

Companhia das Letras. **Entrevista com Liv Strömquist, com mediação de Luisa Micheletti**. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2xxS4U64pZE>> Acesso em 20 de junho de 2021.

